

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

MATHEUS MORAIS DUTRA

**CONTRIBUTOS DA BELEZA PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM EM SANTO
AGOSTINHO**

Goiânia
2019

MATHEUS MORAIS DUTRA

CONTRIBUTOS DA BELEZA PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM EM SANTO
AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás,
como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Filosofia.

Orientador: Dr. José Reinaldo F. Martins Filho

Goiânia
2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

Data:

Hora:

Local:

Acadêmico:

Título:

A Deus, a Suma Beleza, que é autor de todas as belezas, sem o auxílio do qual nada posso fazer, e à Santíssima Virgem Maria, a *Regina Minorum*, a *Tota Pulchra*, que são o motivo e o impulso da minha vida e vocação. Ao meu pai, Vilmar Pereira Dutra, e à minha mãe, Maria Pereira de Moraes. À minha segunda família: *Ordo Fratrum Minorum*.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a Suprema Beleza, por ter me dado a graça da saúde e a força necessária para superar as adversidades e dificuldades durante esses anos, como acadêmico e religioso. À minha família, principalmente minha mãe, heroína que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, e as orações tão necessárias. Aos meus irmãos, por sempre acreditarem em meu esforço.

Ao *Ordo Fratrum Minorum*, e a *Provincia Sanctissimi Nominis Iesu*, na pessoa do nosso Ministro Provincial, Frei Marco Aurélio da Cruz, OFM, por acreditar e confiar em minha vocação. À minha fraternidade conventual, com a qual convivi durante esses três anos, manifesto minha gratidão pela amizade e paciência, e por proporcionar um espaço fraterno, necessário à realização desta pesquisa.

De modo especial, agradeço ao Prof. Dr. Luís Evandro Hinrichsen, que por sua dedicação aos pensadores medievais – especialmente o estudo realizado durante os últimos três anos no convento *Regina Minorum* – despertou em mim o desejo de aprofundar-me na compreensão do pensamento de Santo Agostinho, fazendo surgir a inspiração necessária para a consecução deste trabalho.

Ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás – IFITEG, pelo ambiente criativo e amigável que me foi proporcionado, pelo apoio e confiança e pela oportunidade de realizar este curso de Bacharelado em Filosofia. A todos os professores que estiveram comigo durante os últimos três anos, manifesto minha gratidão, sobretudo por proporcionarem o conhecimento não apenas intelectual, mas a manifestação do caráter e a educação no processo de formação do homem. Ao Prof. Dr. José Reinaldo F. Martins Filho, pela orientação, amizade e pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho monográfico.

Agradeço aos meus amigos confrades Frei Túlio Freitas e Frei Ronildo Arruda, pelas correções ortográficas, ambos sempre me motivando a ter gosto pela filosofia. Também sou grato aos meus irmãos de turma, Frei Ataúfo Dheinyson e Frei Marcos Magi, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação neste período. O meu muito obrigado! Que Deus lhes retribua com sua imensa misericórdia!

Pax et Bonum!

“A beleza é realmente um bom dom de Deus; mas que os bons não pensem que ela é um grande bem, pois Deus a distribui mesmo para os maus”.

Santo Agostinho de Hipona

RESUMO

O presente trabalho monográfico nasceu das indagações sobre o papel da beleza na visão de Santo Agostinho de Hipona e sua contribuição para a formação do ser humano. O pensador de grandíssima utilidade no campo da estética, embora nem sempre considerado por este prisma, ao deixar-se influenciar pela filosofia neoplatônica, inclinou-se a indagar a respeito da beleza. Em primeiro lugar, pensou-a como relativa à percepção exterior, passando, em seguida, para uma sua aceção por meio da interioridade. O filósofo compreende que o homem precisa partir de uma busca interior, exercitando a capacidade de se autoconhecer, pois esta é a chave fundamental para se chegar à contemplação da beleza, através daquilo que é harmônico e simétrico. A beleza está contida nas formas e na harmonia das coisas, como via ordenada. Através desse itinerário, vemos que as artes liberais exercem uma fecunda contribuição no desenvolvimento do ser humano, na percepção e contemplação da beleza almejada. Esse exercício leva o homem a voltar-se a si mesmo e, ao mesmo tempo, a ter um olhar estético para com aquilo que está ao seu redor. O cume da vivência do belo está na contemplação da Suma Beleza, a Unidade, por meio da qual o ser humano se encontra enquanto vestígio dessa mesma Beleza. Eis, portanto, o caminho para a *beata vita*.

Palavras-chave: Agostinho; Beleza; Ordem; Harmonia; *Beata vita*.

ABSTRACT

The present undergraduate thesis was originated from the research on the role of the beauty in Saint Augustine of Hippo's philosophy, and its contribution to the formation of the human being. Although not always recognized for this prism, this thinker of very great value in the aesthetics' field, began to inquire about the beauty by letting himself to be influenced by the neoplatonic philosophy. Firstly, he thought about beauty as an external perception, and then he began to chance his comprehension about beauty seeing it as a path to interiority. The philosopher considers that the man needs to go towards an inner search, exercising his ability of knowing himself, because this is the fundamental key to achieve the beauty's contemplation, through what is harmonic and symmetrical. The beauty is found in the forms and harmony of the things, as an orderly way. Through this itinerary we understand that the liberal arts contribute profoundly in the human being's development, regarding to the perception and contemplation of the desired beauty. This exercise leads man to come to himself and, at the same time, to have an aesthetic look upon what is around him. The apex of this experience with the beauty is the contemplation of the Supreme Beauty, the Unity, whereby the human being understands himself as a trace of that Beauty. This is, therefore, the way to the *beata vita*.

Keywords: Augustine; Beauty; Order; Harmony; *Beata vita*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A ORDEM COMO VIA DE CONTEMPLAÇÃO DA BELEZA	13
1.1 O DESENVOLVIMENTO FILOSÓFICO DE AGOSTINHO SOBRE O BELO	14
1.2 A ORDEM E A HARMONIA.....	19
1.3 A HARMONIA COMO EXPRESSÃO DA BELEZA.....	21
1.4 A BELEZA QUE ENCANTA: VISÃO E AUDIÇÃO	25
2 AS ARTES LIBERAIS E A PEDAGOGIA DO HOMEM	30
2.1 A ORDEM NA FORMAÇÃO DO HOMEM ATRAVÉS DAS ARTES	31
2.2 AS ARTES LIBERAIS NA FORMAÇÃO DO HOMEM.....	36
2.1.1 A arte como epifania do eterno no tempo	43
2.1.2 A função da memória na percepção do belo	46
3 DA BELEZA AO SUMO BELO: A CONTEMPLAÇÃO DE DEUS	50
3.1 O BELO: VESTÍGIOS DE DEUS.....	51
3.1.1 A unidade: princípio de contemplação do Belo	55
3.1.2 Do belo à <i>Beata Vita</i>	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Entre os vários pensadores que influenciaram a filosofia cristã, irei desenvolver este trabalho monográfico a partir do pensamento de Santo Agostinho de Hipona (354-430). O filósofo Aurélio Agostinho é filho de Patrício e Mônica, os quais educaram seu filho com grande zelo e empenho, tendo este se tornado o grande retórico de Cartago. Com sua grandíssima sensibilidade estética, Agostinho tem muito a nos mostrar em sua filosofia. O seu pensamento é considerado como um dos fundadores da filosofia cristã, destacando-se entre os demais integrantes da Patrística.

Como intuito geral, esta pesquisa pretende abordar os contributos da beleza na visão de Santo Agostinho. Os conceitos que serão tratados representarão uma chave fundamental para se chegar à compreensão da contemplação da Suma Beleza e seu impacto na formação do ser humano.

Desde o início de minha caminhada nos estudos filosóficos, tenho nutrido um significativo apreço pelas obras de alguns homens e mulheres que ajudaram no fortalecimento da filosofia cristã, os quais nos deixaram um grande legado. Entre eles, um autor chamou-me especial atenção, a saber, Santo Agostinho de Hipona (354-430), pois seu pensamento comunga em muitos aspectos com o franciscanismo, movimento do qual faço parte como religioso.

É de suma importância ressaltar a influência de Agostinho não somente para a filosofia cristã, mas também para a contemporaneidade, sobretudo por despertar em vários homens o desejo de aprofundar, através de suas obras, o que aqui podemos chamar como as “grandes questões da humanidade”. É nesse sentido que enxergo a necessidade de se estudar em nossas faculdades, ordens e institutos religiosos e seculares o grande legado que o filho de Mônica, o convertido por decisão e filósofo por convicção, deixou para a filosofia.

A partir de sua obra *Confessiones* (“Confissões”) compreendemos que a questão do belo está vinculada não somente com uma busca pela beleza exterior, mas aprofundada principalmente no interior, de onde emana a beleza inteligível. Onde está a beleza no homem? Qual é o caminho para alcançar essa beleza tão desejada por Agostinho? Essas questões nos fazem sondar a existência de uma lacuna no ser humano, que tende a buscar tanto uma beleza exteriorizada, quanto

aquela que surge dentro de si próprio. Nesse dilema, entre o “fora” e o “dentro”, questionamo-nos: onde está o Belo que Santo Agostinho busca? Ou, ainda: essa beleza está no homem ou nas artes liberais? Perguntas como essas conduzem ao grande questionamento que trazemos à baila: qual caminho percorrer para a contemplação do Belo?

A presente pesquisa tem, por isso, como objetivo geral analisar as influências que a beleza tem na formação do homem, a partir dos entrelaçamentos que se estabelecem entre o conceito de belo e as diferentes formas de abordá-lo a partir do pensamento agostiniano. Além disso, também procura diagnosticar a contribuição da filosofia agostiniana no âmbito da estética em geral. Qual a importância do Belo na vida do homem? Tal demanda nos obriga a explorar o que é a beleza, considerando os seus principais aspectos e suas ramificações no pensamento de Agostinho.

Percorrendo o itinerário de busca do papel da Beleza na formação do homem em Santo Agostinho, supomos que o modo como esse percurso se dá está diretamente ligado ao movimento próprio ao ser humano de inclinar-se ao conhecimento da beleza interior, a beleza que repousa em si mesmo e conduz o homem à intimidade e à conseqüente procura de harmonia em sua leitura do mundo. A busca do Sumo Belo, portanto, estaria no embelezamento e harmonização da alma virtuosa.

Aurélio Agostinho trouxe para o contexto filosófico o despertar de uma necessidade do ser humano de voltar-se para si, de ter uma constante busca pela interioridade, para compreender sua vida, buscar aquilo que está dentro e, assim, chegar novamente à exterioridade, revestida de um novo e profundo sentido. No mundo em que vivemos, que visa somente a exterioridade, o retórico de Cartago tem a nos mostrar uma nova possibilidade: a via da exterioridade como conseqüência de uma interioridade.

Desejoso de perscrutar o pensamento agostiniano, pretendo ressaltar qual a importância da beleza na vida do homem, tendo como base sua ótica filosófica. Nesse contexto, percebo que é uma questão inerente à vida do ser humano, pois a todo tempo temos o contato com o mundo externo, e nisto constatamos como é latente esse aspecto entre nós. Vemos, então, que através das artes o ser humano tem sua própria maneira de manifestar a interioridade. Aquilo que se contempla com

os olhos, enfim, mostra-se como apenas uma pequena porção do que está contido dentro de si.

Outrossim, no contexto da atualidade percebemos que o que se tem como prioridade é cuidar apenas das aparências, aquilo que é acessível aos olhos, e tende-se a se descuidar daquilo de onde emana a beleza, isto é, sua fonte, o que segundo Agostinho refere-se à interioridade. Partindo dessa análise, o filósofo tende a mostrar novos rumos para se chegar a conhecer a beleza, participando dessa de maneira ativa. Interessa-nos, portanto, a beleza que está para além da aparência, não discordando que o belo também se manifesta nas coisas, mas pensando seu papel de ampliar a visão do ser humano no que Agostinho compreendeu como a verdadeira beleza. Com o objetivo de atrair a atenção para o tema, o trabalho apontará os caminhos que influenciaram o pensador em seu processo da percepção do mundo à contemplação da verdadeira Beleza – com culminância para a verdade de Deus.

Esse é, em suma, o rumo dado ao que se pretende abordar neste estudo sobre a beleza na experiência de Santo Agostinho, que terá como sustentação a pesquisa bibliográfica, tomando por base as próprias obras do filósofo e adicionando a isso a assistência de alguns comentadores. Do ponto de vista estrutural, o trabalho dispõe de três capítulos, os quais partirão da leitura do belo em busca da meta da vida humana, qual seja: a vida feliz na contemplação da Suprema Beleza.

O primeiro capítulo discorre sobre a função da ordem como via de contemplação da beleza. Como ponto de partida está aquilo que é harmônico, simétrico e, neste contexto, uma primeira ênfase estética à concepção agostiniana. Em suas obras Agostinho já indica que o ser humano, por inclinação natural da razão, é capaz de contemplar a beleza e tende a buscar aquilo que tem proporção, simetria e harmonia. Através do olhar, em seus vários âmbitos, busca-se constantemente a harmonia das coisas, visto que ao encontrar algo que não satisfaz a percepção, repele-o imediatamente como o “não belo”.

O segundo capítulo traz a contribuição das artes liberais na pedagogia do homem. O filho de Mônica mostra que existe outra via para alcançarmos e alargarmos nossa visão no que diz respeito ao belo. Agostinho afirma que as artes liberais, que são a lógica, a retórica, a gramática, a aritmética, a música, a geometria e a astronomia, às quais expressa grande apreço, educam o olhar do ser humano na percepção do Belo, como numa trajetória para se alcançar uma vida feliz. Em seu

exemplar *De Ordine* (A Ordem), o filósofo explica que as disciplinas liberais fazem com que o homem volte a olhar para si mesmo, e nisso reside a chave de leitura para a verdadeira beleza.

Tendo percorrido todo esse caminho, o terceiro capítulo culmina na contemplação da Suma Beleza. Para Agostinho, a contemplação do belo só pode ser atingida quando o ser humano reconhece-o referido ao próprio Autor da beleza, visto que a beleza do mundo mostra-se apenas como um vestígio do Criador. A beleza em geral exige, portanto, unidade em todo o sentido, seja com seu Criador, seja por meio de uma vida virtuosa, ou, ainda, na harmonia da criação, que busca e anseia estar interligada com Aquele de quem recebera o ser, o grande Maestro que ordenou todo o cosmo com suas partes em unidade, na participação de sua bondade, formando uma estupenda canção – para valermo-nos da metáfora agostiniana.

Percebemos, enfim, que o árduo caminho empreendido nos releva a necessidade de uma busca com perspicácia, a fim de encontrar na experiência estética a oportunidade de uma vida aprazível, com sensibilidade para as coisas que estão à nossa volta. A trajetória de Aurélio Agostinho em sua filosofia tende a perscrutar uma via que exige do ser humano o olhar à procura do Supremo Belo. Além disso, mostra que a vida bela não está distante de nós, embora precisemos abrir os horizontes para chegarmos a tal contemplação, assim como fez o pensador que olhou para o além, para que o olhar físico pudesse ver e compreender. Este é o nosso esforço nas páginas que seguem.

1 A ORDEM COMO VIA DE CONTEMPLAÇÃO DA BELEZA

*Onde não há vestígios de constância?
Onde não há imitação daquela verdadeiríssima beleza?
Onde não há uma medida administradora?
De Ordine I, VIII, XXVI*

Este trabalho se apresenta como o desvelar do pensamento agostiniano sobre a beleza, bem como sobre qual função esta desempenha na vida do ser humano. Em Agostinho de Hipona percorremos um itinerário para aprofundarmos a questão daquilo que nos atrai, seja pelo olhar ou através do sentir. Neste contexto consideramos que para a contemplação da beleza é necessária uma leitura sob os termos de ordem, ou seja, um caminho que se faz do belo ao harmonioso, isto é, ordenado.

De nossa parte, tal será empreendido pelo contato com a obra *De Ordine* (A Ordem), na qual observamos que a ordem está relacionada com a busca do conhecimento de si mesmo, para contemplar aquilo que é harmônico e, por isso, belo. Nesse texto Agostinho adverte:

Mas, se alguém enxergasse tão pouco assim ao ponto de o campo de sua visão não conseguir abranger mais que um ladrilho num pavimento adornado, ele iria criticar o pedreiro como ignorante da simetria e colocação, por achar que os variegados ladrilhos estariam em desordem e suas figuras não podiam ser vistas e apresentadas combinando na qualidade de uma beleza única. Não é diferente o que ocorre a homens menos instruídos que, incapazes de abranger e considerar com sua débil mente a adequação e harmonia globais das coisas, se algo que consideram importante lhes desagrada, acham que existe uma grande feiura nas coisas (AGOSTINHO, 2012, p. 161).

Neste seu diálogo o pensador de Hipona indica o caminho antes da contemplação ou do julgamento que podemos fazer, ou seja, distinguirmos aquilo em que há beleza ou, de outra parte, a sua ausência. No entanto, devemos primariamente entender e percorrer um caminho que perpassa pelo autoconhecimento, pois “a maior causa deste erro é que o homem não se conhece a si mesmo” (AGOSTINHO, 1984, p. 162). A beleza só poderá ser agraciada através de uma busca constante pelo conhecimento de si, através de uma vida virtuosa, que

busca e gera harmonia. Nisso vemos que Agostinho “educou o olhar interior, a razão, para que pudesse contemplar a harmonia” (HINRICHSEN, 2009, p. 20-22).

1.1 O DESENVOLVIMENTO FILOSÓFICO DE AGOSTINHO SOBRE O BELO

O grande expoente do período da Patrística é Aurélio Agostinho, bispo proclamado santo da Igreja Romana, nascido em Tagaste, e que viveu a maior parte de sua vida em Hipona. Em sua cidade natal foi educado e nesta terra surgiu o interesse pela filosofia, iniciando seus estudos. Sua mãe se destaca pela insistência de sua conversão, mulher cristã e “piedosa que educou cristãmente o filho, que desde a infância demonstrava aptidão para a filosofia” (AMARANTE *apud* AGOSTINHO, 2015, p. 5). O filósofo recebeu de Mônica os primeiros ensinamentos da doutrina cristã e, apesar de sua referência materna, “o jovem Agostinho foi educado na mais crassa ignorância do cristianismo” (BOEHENER & GILSON, 1970, p. 142).

Por consequência, o pensador recebeu uma precária instrução acerca da fé cristã. Diante disso o caminho que ele percorre é revelado detalhadamente por ele mesmo. Em sua obra *Confessiones* o autor assim declara: “desde a adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em coisas baixas, ousando entregar-me como animal a vários e tenebrosos amores! Desgostou-se a beleza da minha alma” (AGOSTINHO, 1984, p. 45). Na trajetória do pensador não como é possível não falar de seus dois âmbitos de vida, isto é, antes da conversão e depois dessa, pois estes estão presentes constantemente em seu filosofar.

O retórico de Cartago salientava em *Confessiones*, que:

Enquanto assim pensava, e os ventos contrários se aproximavam e me impediam o coração de um lado para outro, o tempo passava, e eu tardava em converter-me ao Senhor. Adia de dia para dia a decisão de viver em ti, e não adia um só dia a morte cotidiana em mim mesmo. Queria viver feliz e temia procurar a felicidade onde ela está. Fugia dela, e ao mesmo tempo a procurava (AGOSTINHO, 2015, p. 159).

No processo de sua conversão ao Cristianismo, vemos uma vida entregue às paixões desordenadas. Em seu íntimo sentia um vazio que precisava ser

preenchido e, por isso, aderiu a uma seita de sua época, o Maniqueísmo¹. Nesta busca percebe-se que “o espírito racionalista de Agostinho sentia-se mais à vontade entre os maniqueus que entre os cristãos, devido ao caráter acentuadamente materialista da metafísica dessa seita” (BOEHENER & GILSON, 1970, p. 143).

No pensamento de Agostinho não podemos deixar de retratar o seu modo de vida entrelaçado com seu olhar filosófico. Neste aspecto vemos a grande influência de Platão (428-347 a.C.) e Plotino (205-270 d.C.) na composição de seu filosofar. Observamos que a base do seu pensamento está vinculada à teoria “neoplatônica”, que norteia o seu filosofar até mesmo depois de sua conversão – estando seu conhecimento atravessado por essas influências.

É curioso como, nesse sentido, ainda hoje podemos enxergar algumas influências do neoplatonismo sobre o cristianismo, nalguma medida graças à contribuição de Santo Agostinho, em quem ambas as vertentes se agregaram, principalmente no que toca à vivência do que é belo:

Na perspectiva dos antigos, especialmente Platão e Plotino, é condição indispensável no processo da educação do ser humano, pensado na sua integralidade e máximas possibilidades. Platão privilegia a música, Plotino acrescenta o valor das artes plásticas. Agostinho, na senda desses pensadores, também privilegiará as artes no processo de formação da pessoa (HINRICHSEN, 2009, p. 17).

Por essa via será construído o pensamento filosófico agostiniano no que diz respeito ao belo. O belo se contempla nas artes, como meio da demonstração da beleza, ou seja, o belo sensível apreciado por Plotino, que também Agostinho mantém em seu pensamento, pois a “beleza sensível, assim, nos envia à beleza da forma. Da mesma maneira, o universo não é belo por sua grandeza e extensão, mas por sua unidade capaz de ordenar o múltiplo” (HINRICHSEN, 2009, p. 32).

Dessa maneira iremos entender o modo pelo qual o filho de Mônica compreende aquilo que é belo, tendo como base de suas ideias Plotino. Tornando imperativo o caminho percorrido por Agostinho em direção ao belo, devemos educar o olho exterior², mas, sobretudo, o olho interior, a razão. Sendo assim, o olho

¹ A religião maniqueísta, era uma seita que mesclava o cristianismo e o zoroastrismo. Religião de origem persa, que consiste em um dualismo, “bem e mal”, que estão em conflito com o próprio homem.

² O que se diz olho exterior refere-se àquilo que está a sua volta, sendo capaz de contemplar a beleza da criação, nisto encontramos o cuidado estético, suscitado em suas obras, quando

exterior interligado ao interior, em constante equilíbrio, serão capazes de completar mais profundamente o belo. Só contempla a beleza que está em si mesmo e à sua volta. Tal concepção, como ressalta Hinrichsen (2009), já podia ser notada em Plotino:

Plotino nos convida a escutar o sensível, transcendendo-o, mas advertenos, como já havíamos destacado, para não o desprezarmos. Isto porque, seja através do cosmo ou das obras de arte, podemos chegar à Beleza Inteligível, indicada pela presença no sensível, de unidade comunicadora de simetria e ordem (HINRICHSEN, 2009, p. 32).

Aqui precisamos falar de Platão, influência marcante no trabalho de Plotino. Este toma a via do dualismo ontológico, entendido da seguinte forma: “existem dois mundos, o inteligível e o sensível, e que o primeiro é causa do segundo” (MONDIN, 1981, p. 59). Para Platão, o mundo ideal é o mundo das Ideias, ou seja, o mundo inteligível. É uma forma do homem chegar ao conhecimento das coisas, saindo do mundo sensível, das aparências, e se direcionando em busca do saber, através do mundo inteligível.

Acerca da via agostiniana, entendemos que:

O Doutor da África Latina, amante da beleza, ao indicar-nos o caminho que, da luz sensível conduz à luz do inteligível e a Deus, insistindo nos compromissos derivados dessa ascensão, presta-nos, igualmente, precioso auxílio. Para os três pensadores da contemplação do divino, resulta capacidade de intencionar o real integrativamente, a consequente busca da virtude e o compromisso com a ordem da criação (HINRICHSEN, 2009, p. 17).

Compreende-se, à luz desta interpretação de Platão, que para chegar à contemplação da beleza devemos sair do mundo das aparências, do “eu acho”, e procurar um caminho sólido que busque o conhecimento, caminho que o filho de Mônica buscou constantemente, pois o belo sensível coloca o homem a caminho do inteligível, e no inteligível está uma ordem que o faz olhar para si e contemplar a beleza com mais profundidade.

Compreendemos a influência que Platão chegou a desempenhar e qual o seu papel no pensamento de Agostinho. A esse respeito Battista Mondin (1981) nos esclarece que:

contempla e descreve na beleza da criação, na vida virtuosa, na amizade e na contemplação de Deus. E essa beleza se dá também através da via das artes-liberais que Agostinho tanto aprecia.

Eis pois a intuição fundamental de Platão: uma coisa é bela, por que participa da beleza, é verdadeira porque participa da verdade, é boa porque participa da bondade, é humana porque participa da humanidade, é esférica porque participa da esfericidade. Esta é a causa do mundo sensível: a sua participação no mundo intelectual. Isto significa que, existindo o mundo sensível, deve existir também o mundo inteligível. Existem bancos porque existe “à parte”, “separado”, subsistente, o Banco; existem cães porque existe o Cão; existem homens porque existe o Homem; existem coisas belas, verdadeiras, iguais..., porque existe a Beleza, a Bondade, a Verdade, a Igualdade etc (MONDIN, 1981, p. 59).

De maneira geral, como dissemos, toda a formação intelectual de Agostinho foi influenciada pelo neoplatonismo, o que se mostra depois em suas alusões e referências. Essas referências estão contidas sobretudo em *Confessiones*, em que faz suas devidas críticas a certos aspectos da filosofia platônica. Em seu livro VII, nomeado “A busca pela Verdade”, o autor expressa que, “um certo homem inflamado de orgulho imenso”, lhe fez chegar às mãos “alguns livros dos platônicos traduzidos de grego para o latim” (AGOSTINHO, 2015, p. 182).

O hiponense em sua obra não diz quem o ajudou a conhecer essas obras, pois não é este foco de sua indagação. Dessa maneira o pensador mostra um certo incômodo em relação ao certo “inchado de orgulho”, visto que para ele esse é justamente o mal que está no pensamento dos filósofos neoplatônicos, já que por sua soberba eles não podem chegar ao pleno conhecimento que é a Verdade.

Verdade que no pensamento agostiniano está identificada com Deus, e os filósofos neoplatônicos tendem a buscar por si mesmos, sem o auxílio dessa força Divina, o que os impede de ascender ao verdadeiro conhecimento, mesmo que cheguem às portas, não poderão contemplá-lo. Agostinho diz a respeito dessa procura pelo conhecimento que:

Depois de ter lido os livros dos platônicos, que me estimularam a procura da verdade incorpórea, aprendi e descobri teus atributos invisíveis através das coisas criadas, e compreendi, à custa de derrotas, qual a verdade que eu, imerso nas trevas, não tinha conseguido contemplar (AGOSTINHO, 2015, p. 195).

Para o bispo de Hipona os pensadores neoplatônicos pensavam equivocadamente, supondo que para alcançar o ápice da felicidade, que se dá no conhecimento pleno, bastaria o constante aprimoramento da razão. O filósofo mostra que o “orgulho” é um sintoma que deixa o ser humano cego para seguir adiante, preso em si mesmo. Portanto, o último grau para chegar a contemplar a

verdade, o belo, a manifestação da beleza, está na capacidade de, pelo autoconhecimento, reconhecer-se pequeno, o que depois de sua conversão Agostinho entenderia como a humildade cristã.

A constituição do pensamento filosófico de Agostinho é, por isso, marcada pela via da interioridade, pois a busca do saber interior é o caminho mais seguro para compreender aquilo que é belo, tanto na exterioridade quanto na interioridade. O filósofo ainda salienta em *De Ordine*, sobre a falta de conhecimento de si mesmo como causa equívocos:

A maior causa deste erro é que o homem não se conhece a si mesmo. Para conhecer-se a se mesmo, ele precisa de um ótimo modo de viver, para afastar-se dos sentidos, refletir sobre si mesmo e manter-se em si mesmo. Alcançam isto somente aqueles que, ou cauterizam pelo retiro certas feridas de opiniões que o curso da vida quotidiana lhes inflige, ou as medicam pelas artes liberais (AGOSTINHO, 2012, p. 162).

Deste modo, “Aurélio Agostinho, como Plotino, propõe, como condição à contemplação do Belo, o retorno à intimidade. Somente o espírito recolhido em si mesmo é capaz de admirar o Belo” (HINRICHSEN, 2009, p. 74). É através da incansável busca de conhecer a si mesmo que o pensador mostra suas indagações acerca daquilo que é belo. Portanto, o “itinerário de Agostinho, assim, orientado por Platão e Plotino e guiado pelas Escrituras, o conduziu à descoberta de si mesmo” (HINRICHSEN, 2009, p. 72).

Através desse percurso, poderemos construir esse breve estudo sobre a beleza na experiência agostiniana. O retórico de Cartago nos mostra que esse caminho é essencial, pelo qual podemos perceber o que é belo, ligado à harmonia e à ordem. Desejo tão apetecido que neste âmbito buscou compreender o sentido do belo. Não somente o belo pelo belo, mas aprofundando-se numa vida que busca a beleza.

Isso porque para o filósofo “em tudo há ritmo, portanto beleza. Há harmonia na criação, nas obras dos artistas, na vida virtuosa – captada pelo homem interior” (HINRICHSEN, 2009, p. 19). Através desse desenrolar sobre a filosofia de Santo Agostinho podemos perceber as influências que seu olhar filosófico teve desde sua juventude, durante seus estudos no maniqueísmo e após sua conversão. Dessa maneira, nas próximas páginas discutiremos a percepção em relação ao belo, especialmente na harmonia e na ordem.

1.2 A ORDEM E A HARMONIA

Para Agostinho, aquilo que há de belo no ser humano, tanto em sua interioridade ou exterioridade, está submetido à harmonia e à ordem. Por exemplo, um artista quando esculpe um pedaço de madeira, quer torná-lo uma peça, para sua utilidade ou até mesmo para contemplar a sua obra. Percebe-se que esse exercitar-se está relacionado a um saber interior. Nisso percebemos que, como insiste Agostinho, “é necessário passar do homem exterior ao homem interior e, para além dos vestígios, buscar as imagens do criador em nós” (GILSON, 2006, p. 411). Ordem, nesse sentido, é a capacidade de conhecer a si mesmo e transferir essa ideia com harmonia para o objeto a ser trabalhado.

Essa ordem, que está presente no itinerário do homem, não se resume somente aos seres humanos, mas está além daquilo que imaginamos, visto que podemos cair no erro de só pensarmos que um ser racional é capaz de realizar uma harmonia em sua vida. Tudo que está em nossa volta respira uma harmonia, “a criação é rítmica e bela, revela o governo providente da ordem, pois em toda parte reina regularidade, há medida” (HINRICHSEN, 2014, p. 160).

Em tal caso, diante de todo o itinerário presente no cotidiano do ser humano, vemos que a harmonia está contida em sua própria vida e percebemos que:

[...] toda a árvore germina, cresce, floresce e frutifica segundo uma certa ordem e um certo ritmo; todo ser vivo compõe-se de partes simétricas cuja correspondência assegura sua unidade e sua beleza; o universo inteiro é belo somente porque é feito de seres que são o que são, cada um deles, em razão da similitude de suas partes e que são todos semelhantes entre si por sua relação comum com a unidade criadora (GILSON, 2006, p. 404).

Em toda a vida do ser humano está contida a harmonia que está em si mesmo e à sua volta, envolvendo-o. Em sua obra *De Ordine* Agostinho começa suas indagações sobre este assunto. Em uma de suas discussões manifesta a seguinte reflexão:

Pelo que, se não lhe for incômodo e se você acha que deva fazê-la, pergunte o que quiser: defenderei, o quanto eu puder, a ordem das coisas e afirmarei que nada se pode fazer fora da ordem. Porque me acho tão envolvido nisso que, embora alguém me supere neste debate, não o atribuirei à temeridade, mas à ordem das coisas (AGOSTINHO, 2012, p. 168).

Nessa colocação o autor esclarece que em todo o movimento do universo há uma harmonia, isto é, nada está fora de si, ou fora do lugar em que deveria estar. Tudo está contido em algo que rege essa ordem. O bispo de Hipona nos mostra que nada pode fugir dessa ordem, principalmente o ser humano, que faz parte desse todo. Até mesmo quando algo parece ter saído do ritmo, pensamos que alguma coisa irá dar errado ou faltar, ainda aí reside a ordem, como salienta Étienne Gilson (2006, p. 275):

Na medida em que desaparecem e se recolocam, as coisas engendram uma beleza de uma gênero distinto do que se oferece aos nossos olhos no espaço. Trata-se, por assim dizer, de uma beleza que ocorre no tempo. Aquilo que morre ou cessa de ser o que não era não enfeia nem desonra a ordem ou o equilíbrio do universo; muito pelo contrário, do mesmo modo que um discurso bem composto é belo, ainda que as sílabas e os sons que o compõem corram sem cessar, como se cada um morresse para deixar nascer aquele que o substituirá; também o universo dura à maneira de um poema cujo desenvolvimento faz sua beleza.

Toda essa expressão de que a harmonia faz parte da vida do homem, como a beleza está constantemente em seu cotidiano, o pensador de Cartago nos faz por meio de questionamentos: existiria, afinal, alguma coisa de contrária à ordem? A resposta para tal indagação, revelada em seu exemplar *De Ordine*, insiste que nada pode fugir da ordem. Até mesmo o caos que está presente no universo está submetido à ordem. Dessa maneira “tanto os bens como os males estão no âmbito da ordem. Creiam se quiserem, pois não sei como explicá-lo” (AGOSTINHO, 2012, p. 175).

Para Agostinho, essa ordem está relacionada ao cosmos³. Aqui vemos sua herança da compreensão clássica, como totalidade ordenada, de forma que tudo está submetido a uma ordem, harmonia, unidade da qual o ser humano faz parte, entre o cósmico e o Divino. Por essa via, entendemos que:

Através da palavra *Kosmos*, os helenos procuraram indicar a beleza ou harmonia do mundo. Percebiam o mundo ritmicamente, pleno de cores, sons, formas, vida. O ser humano compreendia-se como parte dessa totalidade penetrada pelo divino. Nessa perspectiva, a noção de ordem – para Agostinho – fornece chave para a compreensão da unidade cósmica, humana e divina. A geração, a nutrição, crescimento, maturidade e corrupção das coisas revelam o ritmo imanente ao processo de vida. (HINRICHSEN, 2009, p. 18).

³ Do grego κόσμος, kósmos, que significa: "ordem", "organização", "beleza", "harmonia". O mundo enquanto ordem.

O ser humano é parte integrante dessa visão cósmica e divina, dimensões que se fazem constantemente presentes em sua vida. Essa forma de visão está relacionada com a influência do helenismo que faz parte de seu olhar filosófico. Dessa maneira,

A ordem revela uma forte influência do helenismo, ou talvez mais exatamente do ideal grego da beleza, e do ideal romano de lei. A natureza, a vida, todo o cosmos, enfim, são perfeitamente ordenados. Tudo é redigido pela lei natural, pelo número e pela proporção. O resultado é uma ordem admirável, apta a deleitar a vista e o entendimento. Esta ordem é o efeito da vontade divina, que é a lei interna regendo as criaturas em harmonia com as normas eternas da divina sabedoria (BOEHENER & GILSON, 1970, p. 187).

O pensador nos mostra que esse caminho, pelo qual podemos perceber o que é belo, está interligado à harmonia e à ordem. Desejo tão apetecido pelo filho de Mônica que neste âmbito buscou compreender o sentido do belo. Não somente do belo pelo belo, mas aprofundando-se numa vida que busca a beleza, pois para o filósofo é preciso “refletir em si mesmo e manter-se em si mesmo” (AGOSTINHO, 2012, p. 162).

O pensador nos mostra que a ordem e a harmonia caminham juntas. A ordem como o caminho a ser buscado, a harmonia como o meio para tal execução, pois a ordem e a beleza são como marcas de Deus, a Beleza Suprema no universo. Tudo canta e respira a harmonia e a beleza do Divino, sendo Ele o grande maestro que compõe a canção que rege o todo. Através dessa percepção do harmônio ao belo, dando continuidade a essa discussão veremos qual a assimilação existe entre ambos estes conceitos e sua expressão no mundo.

1.3 A HARMONIA COMO EXPRESSÃO DA BELEZA

Como já expressei anteriormente, o homem é parte integrante da visão cosmológica ao contemplar a beleza expressa no mundo. Dessa forma, devemos continuar a percorrer essa vivência do belo, que também se manifesta na exterioridade, como caminho para alcançar a *beata vita*. Pois o “ser humano busca sentido e significado para a vida. O caminho da contemplação estética é via privilegiada nesse processo” (HINRICHSEN, 2009, p. 75). Ao procurar o caminho da contemplação da beleza o ser humano tende a vivenciar uma vida agradável, sem o acorrentamento mundano das preocupações externas.

Agostinho esclarece que o meio mais seguro é a via da interioridade, que posteriormente retorna a exterioridade. Deste modo, “assim o espírito, a partir de sua interioridade, entende o que seja a beleza do universo” (AGOSTINHO, 2012, p. 162). Voltaremos a analisar como a percepção da beleza exterior, resulta em uma visão mais aguçada das coisas que estão compostas e ordenadas a nossa volta. Quando o ser humano não busca esse itinerário, está submetido a dispersar-se, tornando-se “incapaz de julgar e encontrar a beleza, seja numa obra de arte, nas criaturas, em si mesma, no universo ou em Deus” (HINRICHSEN, 2009, p. 76-77).

Para Agostinho de Hipona o belo se manifesta de várias formas numa vida virtuosa, isto é, aquela que conduz-se pela via da interioridade, tendo particular eficácia o contato com as obras de artes, especialmente no que diz a respeito à contemplação da beleza revelada em sua criação. Nesse sentido, em sua obra *De Vera Religione* (A verdadeira religião), expressa sua influência do neoplatonismo, redimensionada devido seu maior aprofundamento no cristianismo, sobre a percepção do belo na criação, como lemos no que segue:

Vejamos, agora, até onde pode ir a razão na sua ascensão do visível ao invisível, do temporal ao eterno. É preciso não ser, em vão nem inútil, o exercício da contemplação da natureza: a beleza do céu, a disposição dos astros, o esplendor da luz, a alternância dos dias e noites, o ciclo mensal da lua, a distribuição do ano em quatro estações, análoga à divisão dos quatro elementos, o prodigioso poder dos gérmenes geradores das espécies e dos números, a existência de todos os seres, enfim, pois cada um guarda sua própria característica e natureza (AGOSTINHO, 2002, p. 77).

Levando em conta o que é explicitado por esta passagem, Aurélio Agostinho destaca as belezas presentes e vivas em seus vários momentos e fenômenos do cosmos, o que está contido na criação, atraindo a nossa admiração. Desse modo, compreendemos que o belo sensível é uma das formas de obtermos prazer e gozo na perspectiva, sobretudo através do olhar. Para ele não há como negar a beleza presente no sensível. O modo de ver e contemplar a beleza nos vários âmbitos do mundo nos ajuda a alcançar e buscar uma beleza ainda maior, que é imutável. Esta é a beleza a qual o filósofo buscou arduamente.

Além disso, podemos entrar no seguinte paradoxo: se a exterioridade é fonte do erro, como alcançar a beleza se não pela adesão dos sentidos? Noutras palavras, como é possível conceber uma beleza reconhecida desde a interioridade? Isso se refere ao fato de o retórico de Cartago nos mostrar que o meio mais seguro

é a via interior. Nesse contexto, não podemos nos autointitular capazes de qualificar ou julgar, como seres que podem separar o que é belo da fonte da beleza. Em suma, “o cosmo é belo em si mesmo, não depende do julgamento humano para ser considerado belo, e tampouco a sua beleza existe para servir a contemplação humana” (BRANDÃO, 2016, p. 319).

A beleza, portanto, está, *a priori*, na criação, cabendo ao homem apenas descobri-la através de seu entendimento. Não se trata do voltar-se para dentro no sentido cartesiano, em que o *ego* é o detentor de validação da objetividade. A verdade e a beleza, para Agostinho, não provêm do próprio homem, ultrapassando-o. Tal ultrapassamento, no entanto, prevê um movimento de dentro para fora, não o oposto. Como o reconhecimento do “rastros do criador” na criatura.

Todo esse percurso abordado pelo filósofo está relacionado com a beleza do mundo, que devemos entender como “os vestígios de Deus”, impressos em sua criação, a qual os percebe através da razão, olho da alma. Pois “o olhar da razão é capaz de ver nas coisas sensíveis, a causa invisível que constitui os entes cósmicos na sua beleza” (HINRICHSEN, 2009, p. 76); nisso consiste o papel da interioridade, a qual exerce grande contribuição na percepção do belo sensível.

Por esse caminho, no livro II do *De libero arbitrio* (O Livre-arbítrio), Agostinho demonstra os vestígios do Ser⁴, como sua “sabedoria⁵”, presente na ordem e no cosmo. Damos-lhe a palavra:

Efetivamente, em qualquer lugar onde olhares, a sabedoria te fala pelo vestígios que imprimiu em todas as suas obras. E quando recais de novo no amor às coisas exteriores, é valendo-se da própria beleza dos seres exteriores que ela te chama a teu interior. E isso a fim de que, vendo tudo quanto te encanta nos corpos e te seduz, através dos sentidos corporais, reconhece-as que está repleto de números. Ao indagares de onde vem isso, entra em si mesmo e compreende tua impotência de julgar para o bem ou para o mal os objetos percebidos por teus sentidos. Pois não poderias aprovar ou desaprová-los, se não tivesses dentro de ti certas leis estéticas, às quais confrontas todas as belezas sensíveis do mundo exterior (AGOSTINHO, 1995, p. 128).

⁴ Para compreendermos o que significa esse “Ser”, que aparece nas obras de Agostinho, o comentador Étienne Gilson nos esclarece que, “Deus é o Ser, por consequência, o bem que, exprimindo-se em si mesmo, coloca-se como o Uno, o Belo e o Verdadeiro, fonte universal de todas as perfeições participadas” (GILSON, 2006, p. 406).

⁵ A sabedoria é entendida com um bem que a possuímos, retrata o pensador Étienne Gilson: “A sabedoria é a verdade na qual o homem vê o soberano bem e o possui. Pode haver desacordo quanto às vias a serem seguidas para chegar a ela, mas não quanto à meta a ser alcançada (...). Não há uma sabedoria por homem, mas uma única sabedoria comum a todos os homens, e que é também seu bem comum soberano” (GILSON, 2006, p. 244).

Desta forma, através do pequeno fragmento exposto, percebemos que para Agostinho esses vestígios, em forma de ordem, números no cosmos, são manifestação da magnitude do “Ser”, marcas de sua beleza impressa no universo. A sabedoria revelada ao ser humano, por isso, também se dá através do sensível, o qual podemos compreender como o louvor da criação Àquele que é Autor da vida: “e não um mero objeto da contemplação humana, cabendo a esse último reconhecer a beleza que existe objetivamente no mundo, por meio da adequação de seu olhar” (BRANDÃO, 2016, p. 320).

Consequentemente entendemos que:

Neste caso, devemos notar que existe no fragmento estudado uma compreensão extremamente positiva das belezas cósmicas, de forma que elas são entendidas como um degrau para alcançar o belo em si, ou seja, ao contemplar as belezas transitórias e limitadas do mundo, essa admiração deve convidá-lo ao acesso a beleza eterna e imutável. Todavia, a despeito desse positivo entendimento da contemplação mencionada, ela em hipótese alguma deve ser considerada um fim em si mesma, pois, se assim for considerada será vã e inútil para cumprir o seu real objetivo, que consiste na elevação para o belo eterno. A contemplação da beleza sensível, sem dúvida é boa, mas se não cumpre a sua função, torna-se inútil e um empecilho para o crescimento do homem no caminho da verdade (BRANDÃO, 2016, p. 317).

Em todo esse percurso deparamos com a contemplação do belo expresso na harmonia da natureza, não que esta se torne um fim de si mesma, mas faz com que o ser humano reflita sobre sua composição, sua modulação, essa magnífica expressão do Criador. Portanto, a contemplação da beleza exterior não pode ser um obstáculo para chegar à beleza inteligível, mas “que o amor à beleza sensível seja vencido pelo amor às realidades eternas: ‘por que o amor às coisas temporais, não poderia ser vencido se não com a suavidade das eternas’”⁶ (BRANDÃO, 2016, p. 320).

Por esse itinerário, o professor Luís Hinrichsen ressalta que a obra:

[...] *De Ordine* é singular exemplo do otimismo metafísico⁷ agostiniano relativo à criação. No universo criado, tudo está disposto com unidade e

⁶ Está citação se encontra no livro *De Musica* (A Música) VI, 16, 52, de Santo Agostinho de Hipona, uma de suas grandes obras que se dedica a sua problemática no aspecto técnico, como ritmo, versos e a harmonia, e qual seu papel para chegar a contemplação do Divino, e sua relação com o mundo.

⁷ A expressão “Otimismo Metafísico”, em Santo Agostinho está relacionado ao Ser Criador. Tudo é bom e belo apenas porque participa do ser de Deus, ou seja, há um sentido ontológico nisso. Trata-

ordem, portanto beleza e bondade presentes em todas as regiões e níveis da criação. Mesmo os pequenos insetos, relembramos, estão formados por membros equilibradamente dispostos e relacionados, capazes de revelar proporção e harmonia (HINRICHSEN, 2009, p. 96).

Compreendemos que a beleza está contida em uma harmonia. Todo o universo contém beleza por que está submetida a harmonização, como expressão do Criador. Este é, certamente, o núcleo da filosofia agostiniana, o que lhe possibilitou desdobrar numa estética ou numa ética. Na base de tudo está uma concepção positiva de Deus, uma “metafísica otimista”, para usarmos novamente a expressão de Hinrichsen. Isso também é reconhecido por Gilson (2006, p. 406): “se há vestígios de Deus na natureza, eles devem trazer em si testemunho da Trindade tanto como o de sua unidade”.

A harmonia é, então, consequência da beleza, assim como a perfeição da criação é consequência do Ser do Criador. Assim, “tanto mais belo é um corpo quanto mais for constituído por partes mais semelhantes entre si. De modo geral, é a ordem, a harmonia, a proporção, vale dizer, a unidade produzida pela semelhança que engendra a beleza” (GILSON, 2006, p. 403).

Todo esse percurso nos mostra a importância do belo na busca pela harmonia, que traz ao ser humano uma vida de constante equilíbrio, de refinada percepção nas coisas que estão ao nosso redor, e a oportunidade de aprofundar-se no autoconhecimento. Através disso, vemos que a visão, tal como a audição e os outros sentidos – mas esses sobremaneira – nos ajudam a exercitar a percepção, ampliando nossa visão de mundo e a elevação de nossa consciência. Eis, pois, o que iremos abordar no que segue: o papel que ambas estas capacidades humanas têm como contribuição ao exercício da razão do ser humano.

1.4 A BELEZA QUE ENCANTA: VISÃO E AUDIÇÃO

O fundamento da beleza, para o Agostinho de Hipona, se encontra no que a faz realmente bela, ou seja, para filósofo a beleza originária está indissociavelmente ligada ao seu Criador. Segundo sua concepção, todas as coisas são belas porque participam do Ser de Deus – uma distinção que apenas a Escolástica desenvolveria com precisão, de um lado esse *infinitum creator omnium*, de outro a criatura, o *ens*

se de um discurso sobre o ser. Essa é a grande questão do Agostinho! Ignorada por muitos. Ele não tematiza outra coisa, tudo é consequência disso!

finitum. Em sua famosa obra *Confessiones*, Agostinho descreve o belo como fonte de encanto e harmonia, o que podemos contemplar através da visão e da audição. Salienta o autor:

Amamos por acaso algo que não seja o belo? E o que é o belo, o que é a beleza? O que é que nos atrai e nos liga aos objetos que amamos? [...] isso é a harmonia, tal relação ao todo, o calçado em relação ao pé, e coisas semelhantes (AGOSTINHO, 2015, p. 101).

Através desse pequeno trecho entendemos que aquilo que percebemos com os cinco sentidos está intimamente ligado em nossa vida aos sentidos interiores: o entendimento e a razão propriamente dita – o rastro de Deus. O ser humano busca através da harmonia, já ressaltada como inclinação natural, algo que agrade sua visão e audição. O homem deseja deliciar-se de belas paisagens, de belos monumentos e, sobretudo, cuidar de sua própria beleza exterior – note-se, aliás, a relação entre “saborear” e ver, já delineada desde os gregos.

Dessa maneira, compreendemos que a visão está ligada ao olho da alma, ou seja, ao entendimento. Posto isso, retrata o Étienne Gilson: “Qualquer um dos nossos sentidos poderia servir como ilustração dessa tese, mas será suficiente que nós examinemos o mais nobre de todos porque é o mais próximo do conhecimento intelectual: o sentido da visão” (GILSON, 2006, p. 407)⁸.

Nesse contexto podemos nos indagar: audição e visão são dois sentidos superiores? Perguntamos isso porque ambos em seus exercícios possuem um aspecto aguçado e questionador da racionalidade e se perguntam pelas causas harmônicas. Através da visão “os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e a luminosidade das cores” (AGOSTINHO, 2015, p. 305). O filho de Mônica salienta ainda que:

No que se refere aos olhos, a coerência das partes, que se diz razoável, costuma chamar-se de beleza. E no que diz respeito aos ouvidos, quando dizemos ser razoável uma harmonia e um canto tenha sido composto razoavelmente cadenciado, chama-se a isto com o nome próprio de

⁸ O primeiro a indagar sobre a percepção visual, ou seja, da visão, foi certamente o pensador Aristóteles ressaltando em sua obra “*Metafísica*”, conhecida como a “*Metafísica de Aristóteles*”. Para o filósofo através das sensações chegamos ao conhecimento das coisas, nisto ele privilegia o campo da visão. O pensador da Grécia antiga ressaltava que: “de fato, eles amam as sensações por si mesmas, independentemente da sua utilidade e amam, acima de todas, a sensação da visão (...) E o motivo está no fato de que a visão nos proporciona mais conhecimentos do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas” (ARISTÓTELES, 2002, p. 2).

suavidade. Mas nem quando a cor nos encanta nas coisas belas, nem na suavidade dos ouvidos, quando a corda de um instrumento musical soa sonora e maviosamente, costumamos dizer que aquilo seja razoável. Resta, portanto, afirmar que no prazer destes sentidos isto pertence a razão, em que há certa dimensão e modulação (AGOSTINHO, 2012, p. 232).

Por essa via sensível que perpassa os cinco sentidos contemplamos o que é Belo. O próprio ouvido do homem tende a procurar a suavidade das harmonias sonoras, para sentir um determinado prazer. Através da audição podemos observar como existe uma harmonia, uma unidade que está presente em nosso cotidiano. Concebemos essa manifestação como o simples “canto dos pássaros, naturalmente modulado, é causa de alegria e gozo. Tudo aquilo que é surge da unidade e busca unidade” (HINRICHSEN, 2009, p. 18).

A unidade se faz presente nesses dois sentidos, pois para a percepção do belo sensível é preciso que haja harmonia entre eles. Por meio dessa via da percepção da beleza, “Agostinho se interessa preferencialmente pelas analogias tomadas da ordem do conhecimento e, em particular, da ordem da sensação” (GILSON, 2006, p. 407). Dessa maneira devemos entender que:

O olho humano no seu passeio pelo mundo busca essas harmonias, encontrando, por exemplo, desconforto, quando percebe paredes dessimétricas. O ouvido humano, igualmente se delicia com a suavidade das harmonias sonoras. Audição e visão, esses dois sentidos superiores, quando do seu exercício indicam a existência de racionalidade no cosmo criado e perguntam pela causa das harmonias gozadas. Assim, os números corporais percebidos pelo sentido da visão e da audição e entendidos segundo os números inteligíveis, reclamam por seu autor, que é a causa, tanto dos seres criados, quanto, também, dos critérios pelos quais interpretamos as harmonias sensíveis (HINRICHSEN, 2014, p. 36).

Diante disso, contudo, é preciso repetir que o bispo de Hipona não inferioriza os sentidos exteriores, pois estão interligados com os sentidos interiores (o entendimento e a razão), regidos pelo olho da alma. Toda percepção do filósofo está contida na via interior, pois o julgar através dos sentidos exteriores interliga-se aos interiores. Por isso, em sua obra *De libero arbitrio* (1995, p. 90), o autor esclarece que isso é procedente porque reconhece “que no sentido interior [há] um guia e juiz dos sentidos exteriores”.

Em *De libero arbitrio*, o pensador retrata o papel dos sentidos internos e os sentidos externos⁹, que influenciam a vida do ser humano. Neste contexto, Agostinho demonstra que o entendimento e a razão (sentidos internos) são superiores, ou seja, eles regem os sentidos externos, e é por meio deles que o ser humano pode chegar à contemplação da beleza em sua vida.

Assim, o homem que é educado pela via do belo, está interligado às duas classes de sentidos, tendo em vista um equilíbrio entre ambos. Desse modo, chega a perceber quão belo são os vestígios do Criador, que são implantados nas diversas formas presentes ao nosso redor, resultando que, ao escutar um simples canto dos pássaros, através da via interior, pode reconhecer que há beleza na criação, pois somente é belo porque vem do Ser.

Todo esse percurso com que nos deparamos está, primeiramente, relacionado e embasado na via da interioridade, pois ela educa o ser humano na percepção da beleza. A ordem, como já expressei, é o caminho a ser percorrido, em que, conseqüentemente, a harmonia é gerada. Harmonia presente na criação, em uma vida virtuosa, captada pelo homem interior.

Dessa maneira a trajetória de Aurélio Agostinho em sua filosofia tende a perscrutar uma via que exige do ser humano um olhar à procura do Supremo Belo. Destarte, mostra que a vida bela não está distante de nós, mas precisamos abrir os horizontes para chegarmos a tal contemplação, assim como fez o pensador que olhou para o além, a fim de que o olhar físico possa pudesse ver e compreender.

Percorrendo o itinerário de busca do papel da Beleza na formação do homem em Santo Agostinho, supomos que o modo desse percurso se realizar está no fato de que o ser humano deve, a princípio, conhecer a sua própria beleza interior. Essa beleza conduziria o homem à intimidade e à conseqüente procura de harmonia em si mesmo, pois a busca do Sumo Belo está no embelezamento e harmonização da alma virtuosa.

Portanto, “Agostinho jamais pensou em divorciar a teoria da prática. Sua filosofia é uma interpretação de sua própria vida [...] ainda assim, não cessou de procurar até o fim de sua vida” (BOEHENER & GILSON, 1970, p. 151). Eis o que

⁹ Santo Agostinho em sua obra *De libero arbitrio*, compreende-se que o ser humano é dividido primeiramente em sentidos externos e sentidos internos. Os externos são os cinco sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato), os internos são o entendimento e a razão. A razão é o ponto alto, é o traço de Deus em nós. O entendimento é o que coordena e controla os sentidos externos, constituindo o conhecimento.

significa a busca pela interioridade para a melhor contemplação da beleza, processo que se dá na prática que neste trabalho veremos por meio das artes-liberais, instrumentos para melhor conhecer a si mesmo e chegar à contemplação mais ampla da beleza impressa na vida cotidiana do ser humano. Isso é o que faremos no capítulo que segue.

2 AS ARTES LIBERAIS E A PEDAGOGIA DO HOMEM

*O homem interior renasce dia a dia, enquanto o homem exterior vai se corrompendo.
O homem interior, porém, contempla o homem exterior, e comparando-se a ele, acha-o feio.
É belo, contudo, no seu gênero, gozando da harmonia própria do corpo.
De Vera Religione V, XL, LXXIV*

Neste segundo capítulo iremos abordar o papel das artes liberais na formação do ser humano e qual a sua contribuição para a via da contemplação da beleza. Agostinho mostra que existe outra via para alcançarmos e alargarmos nossa visão no que diz respeito ao belo. O filósofo afirma que as artes liberais – a lógica, a retórica, a gramática, a aritmética, a música, a geometria e a astronomia – em relação às quais nutre grande apreço, educam o olhar do ser humano na percepção do belo, como numa trajetória para alcançar a *beata vita*.

Essas artes são compostas por dois grupos. O primeiro denomina-se *trivium* (lógica, gramática e a retórica) e o segundo o *quadrivium* (aritmética, música, geometria e a astronomia). Estão interligados na busca pelo aprimoramento do saber. Estas artes ficaram conhecidas como um projeto metodológico, ou seja, a “educação liberal” presente no período da Idade Média, a qual marca a educação medieval através da preservação do conhecimento com resquícios da antiguidade.

Para Agostinho as disciplinas liberais constituem um itinerário que desperta e incentiva o homem a procurar com grande entusiasmo a beleza nas coisas deixadas pelo Criador, desde o modo de falar até o de contemplar a beleza nos astros, por exemplo. Na “tarefa de captação da beleza, em todas as regiões de sua manifestação, somos auxiliados pelo aprendizado atingindo através do exercício das artes liberais” (HINRICHSEN, 2009, p. 97). Em sua obra *De Ordine*, Agostinho, em diálogo com seu aluno e amigo Licêncio, ressalta que:

[...] a erudição moderada e parcimoniosa nas disciplinas liberais [...] nos torna mais resolutos, mais perseverantes e amantes mais agradáveis para abraçar a verdade, para desejá-la mais ardentemente, segui-la com mais constância e, finalmente, apegar-nos com mais doçura à vida feliz (AGOSTINHO, 2012, p. 181-182).

Na obra citada, o pensador salienta que as artes liberais fazem com que o homem volte a olhar para si mesmo, chegando a ser “amante da verdade”. Aurélio

Agostinho se refere a “alguns homens menos instruídos que, incapazes de abranger e considerar com sua débil mente a adequação e harmonia globais das coisas, se algo que consideram importante lhes desagrade, acham que existe uma grande feiura nas coisas” (AGOSTINHO, 2012, p. 161) – o que, notadamente, seria impropriedade. Eis então o direcionamento que nos fará seguir em nosso objetivo de perscrutar o sentido da beleza e sua cooperação na formação do homem, conforme este tema é explorado por Agostinho.

2.1 A ORDEM NA FORMAÇÃO DO HOMEM ATRAVÉS DAS ARTES

No decorrer da obra *De Ordine*, deparamo-nos com os debates proporcionados pelo contato entre Agostinho e seus amigos Licêncio, Alípio, Trigécio e Zénobio. No que se refere à ordem cósmica e à virtude, a procura da contemplação da beleza presente no mundo diz respeito à tão almejada vida harmônica, contida naquela própria ordem. O pensador provoca o leitor às reflexões sobre o papel do correto uso das disciplinas liberais na constituição do ser humano.

Influenciado pelo platonismo via Plotino, o filósofo também privilegia as artes belas na captação da beleza no cosmos e em si mesmas. Na trilha da Filosofia, o cultivo dessas disciplinas permite se alcançar o autoconhecimento. Essa comunhão entre as belas artes e a filosofia revela que ambas estão a caminho da *beata vita*. Assim, “o que a filosofia ensina aos homens conhecerem é, portanto, o que pode torná-los felizes” (GILSON, 2007, p. 224) – talvez o maior desejo de qualquer ser humano.

Ao referirmos uma vez mais à filosofia, devemos entender que o seu acontecer fundamental se dá através do exercício da racionalidade, a qual, segundo a filosofia agostiniana, alcançamos por meio do olho da alma¹⁰. Para o filho de Mônica, o exercício racional nos permite apreender a ordem governante de todas as coisas. Nesse aspecto entendemos que a razão,

¹⁰ Cf. Étienne Gilson (2007, p. 96), para a filosofia agostiniana “*ratio* é o movimento pelo qual o pensamento (*mens*) passa de um dos seus conhecimentos a outro associando-os ou dissociando: ‘*Ratio est mentis motio, ea quae discutitur distinguendi et connectendi potens*’. *De Ordine* II, XI, 30”. Em *De Ordine* (2012, p. 229), a *ratio* é retratada para Agostinho sob dois pontos de vista: “do ponto de vista da tradição escolar, a razão é a faculdade de raciocinar dissociando ou ligando os conceitos, o que é o ofício da dialética segundo Quitiliano; do ponto de vista da filosofia neoplatônica, na razão se encontra a inteligência de Deus e da alma particular ou universal”.

[...] enquanto movimento da mente, distinguindo e relacionando as coisas, conhece e aprende. As disciplinas liberais, nesse processo de aprendizagem pela distinção e relação, unificando conhecimentos dispersos, conduzem o ser humano dos sensíveis aos inteligíveis e a Deus (HINRICHSEN, 2014, p. 161).

Dessa forma, aqueles que se dedicam com maior empenho desde a juventude ao estudo das artes, de acordo com Agostinho, absorvem em seu caminhar grande proveito, “em parte para a utilidade da vida, em parte para o conhecimento das coisas [...]” (AGOSTINHO, 2012, p. 242). Isso, notadamente, considerando a dedicação a esse estudo com todo vigor e constância.

Portanto, a busca pelo saber não é algo a que se acomodar na medida em que o alcança. É preciso manter em tudo vigor e disciplina, segundo a justa medida e a ordem. As artes belas, em uniformidade com a filosofia, prometem a razão e libertam “apenas a pouquíssimos, os quais ela leva não só a não desprezar aqueles mistérios, mas também a entendê-los segundo possam ser entendidos” (AGOSTINHO, 2012, p. 212-213).

Para Agostinho, como vemos, é de suma importância o papel tanto da filosofia quanto das artes no processo formativo do ser humano para se conhecer a si mesmo. Por consequência desse aprimoramento do conhecimento, “o amor à filosofia, exercitado continuamente, é atitude de vida, transformação exterior e interior” (HINRICHSEN, 2009, p. 94). A atividade filosófica é o advento de uma vida virtuosa e a purificação da natureza humana ante o que é belo. No entanto, é imperioso dizer que há uma beleza que, no curso deste movimento pedagógico, “sabe o momento em que há de se revelar” (AGOSTINHO, 1998, p. 48) – aqui certamente numa referência a Deus, autor da beleza.

Como alguns não optam pelo caminho da libertação, distanciando-se da razão, para Agostinho o conhecimento não é para todos (cf. *De Ordine* II, IV, 16). Exige, ao contrário, predisposição, abertura, cisão com uma vida totalmente dada às paixões do corpo. Para se perfazer esse itinerário com grande melhoria para si mesmo, exige-se do homem um caminho rigoroso, pois aqueles que se dedicam à erudição combatendo o próprio “inchaço”, isto é, o orgulho de si, necessitam assumir um caminho de superação da ignorância pela busca do conhecimento.

Desse modo, podemos questionar-nos: qual é a função da razão no ser humano? Por que buscá-la? A respeito dessas indagações o bispo de Hipona esclarece que

[...] a razão é o movimento da mente capaz de discernir e estabelecer conexão entre as coisas que se conhecem. Utilizar-se dela como guia para entender a Deus ou a própria alma que está em nós ou em toda a parte, é próprio de pouquíssimos no gênero humano, não por outro motivo senão porque para aquele que está disperso nos assuntos dos sentidos é difícil voltar-se a si mesmo (AGOSTINHO, 2012, p. 229).

A razão, olho da alma, nos permite conhecer as coisas que estão em nós e ao nosso redor, tornando-se igualmente o meio de nos relacionarmos com aquilo que nos está acessível no cosmo. Por meio desse “dom”, o qual Agostinho compreende como um *presente*¹¹ dado por seu Criador, considerando seu correto uso em harmonia com a Filosofia, chega-se pela “percepção dos sensíveis à visão dos inteligíveis e de Deus” (HINRICHSEN, 2009, p. 101).

Para Agostinho, a razão exerce um papel formidável, pois é a “condição primeira da própria possibilidade da fé” (GILSON, 2007, p. 64). Ela permite que o ser humano conheça seu próprio Criador, ato que se dá no entender e na fé. O pensador ressalta que o homem é o único ser dotado de razão. Em *De libero arbitrio*, no diálogo com Evódio, o filósofo estabelece a distinção que existe na *ratio*, que se diferencia da *mens* e do *intellectus*. Na razão, existem três realidades discerníveis, as quais são: o existir, o viver e o entender.

Sobre os três aspectos da razão, Agostinho assim os exemplifica: a pedra existe e o animal vive, mas somente o animal vive, já a pedra não, pois sabemos somente de sua existência. No entanto, apenas ao ser, ou seja, ao homem é dada a razão, que é capaz de distinguir tais características dos demais exemplos citados acima, pois traz consigo o dado da racionalidade. Segundo Agostinho “tudo que nós sabemos, só entendemos pela razão” (AGOSTINHO, 1995, p. 84).

Dessa maneira, o homem existe como os objetos, a mesa com suas cadeiras, ou uma pedra; vive como as plantas de um belo jardim, e também se move como os animais. Contudo, somente ao ser humano é dado o pensamento (*mens*), a razão (*ratio*), pelos quais “conhece o inteligível [...]. [Está] também nele a marca deixada por Deus em sua obra” (GILSON, 2007, p. 64); marca esta que é expressa em cada ser criado à imagem e semelhança de seu Criador.

¹¹ Aqui entendemos *presente* no simultâneo sentido de ser uma dádiva, um regalo do Criador à criatura e, ao mesmo tempo, um sinal de “presença” daquele nesta. Este é o papel da razão no ser humano.

Este é um aspecto fundamental para Agostinho, herdado pelo cristianismo como um todo, no qual o pensador crê e se firma constantemente. Dessa forma, o retórico de Cartago, em *De Ordine* ressalta que, a “razão é o movimento da mente capaz de discernir e estabelecer conexão entre as coisas que se conhecem” (AGOSTINHO, 2012, p. 229). Eis o papel por excelência do olho da alma, o guia que faz um intercambio para entender a si mesmo, a Deus e às coisas criadas por Ele.

O processo reflexivo se dá através do bom uso da razão juntamente com o amor à sabedoria, o que nos impede de ficar somente na exterioridade, sem conhecermos a nós mesmos. Desse modo, as artes liberais constituem uma via que nos interliga aos nossos conhecimentos que estão dispersos. Essa dispersão se dá por ficarmos estagnados somente na exterioridade, sem o contínuo aprimoramento de nosso *intellectus*¹².

O homem, como um ser pensante, tem suas próprias indagações e pensamentos acerca de vastos assuntos, pois é próprio de sua natureza. A *mens* exerce uma determinada atividade, através da qual o ser humano sente vontade de adquirir conhecimento das coisas. Neste ato de conhecer algum assunto se encontra a razão. A razão o faz compreender e questionar e, conseqüentemente ao cultivo da razão, se dá o papel do *intellectus*. A “inteligência” ou “intelecto” é o impulso que se enriquece gradualmente no que tange ao aspecto do saber.

O ser humano de fato tem em sua natureza a razão, mas já quanto à inteligência, nem todos necessariamente a atingem. Para Agostinho é possível possuir a razão sem o intelecto. Isso nos leva a constatar que a inteligência é uma visão interior pela qual o pensamento percebe a verdade que a luz divina desvela. É a partir do *intellectus*, visto em sua forma mais elevada, tendo a fé como preâmbulo necessário, que se alcança o saber das coisas criadas por Deus.

Dessa forma, o homem é a imagem de Deus, por ser um ser pensante, que se enriquece progressivamente com a inteligência graças ao exercício da razão. Assim, a razão está naturalmente no homem, até mesmo antes da inteligência e também antes da fé (cf. GILSON, 2007, p. 65), pois ao desprezar o olho da alma, também desprezaríamos em nós o próprio conhecimento do Criador, pois somos

¹² Em sua obra “Introdução ao estudo de Santo Agostinho”, Étienne Gilson descreve a definição do *intellectus* na visão agostiniana: “O intelecto é uma faculdade da alma, própria ao homem, que pertence mais particularmente à *mens* (pensamento), e que é iluminada diretamente pela luz divina [...] O *intellectus* é uma faculdade superior à razão, pois é possível haver razão sem inteligência, mas não inteligência sem haver primeiramente razão; e, porque o homem tem razão, ele quer alcançar o entendimento” (GILSON, 2007, p. 96).

sua imagem e semelhança. É justamente por meio do cultivo da razão que nos diferenciamos dos animais, os quais não são seres racionais.

Em sua obra *Confessiones*, Agostinho nos dá um exemplo, para podermos clarear nosso entendimento no que se refere aos seres “não racionais”, ou seja, os animais, os quais agem por instinto e não pelo dado da razão. O pensador nos mostra que a contemplação da beleza no cosmo é um aspecto dado aos seres racionais:

Mas essa beleza acaso não se manifesta claramente a todos que são dotados de sentidos perfeitos? Por que não fala a todos a mesma linguagem? Os animais, sejam grandes ou pequenos, a veem, mas não podem fazer-lhe perguntas. Não lhes foi concedida a razão, capaz de julgar as mensagens dos sentidos. Aos homens, porém, é dado indagar, para perceberem “o Deus invisível através da compreensão das coisas criadas” (AGOSTINHO, 2015, p. 272).

Neste estudo, vemos que a razão é o movimento da mente que nos distingue dos demais seres, presentes na natureza. Agostinho, em *De Ordine*, expressa que “o homem é um animal racional e mortal”¹³. No decorrer dos tempos o homem foi definido pelos grandes sábios antigos como o *rationale et mortale*.

Tomando parte desse arcabouço da filosofia precedente, em *De Ordine* Agostinho utiliza-se de dois termos para se referir ao que aqui já mencionamos como o olho da alma, quais sejam: “racional” e “razoável”. Estes constituem as duas maneiras pelas quais “a força da razão pode se oferecer” (AGOSTINHO, 2012, p. 231) na captação da beleza.

O filósofo nos faz indagar sobre o papel da razão, enquanto movimento da mente, que conhece e aprende. Percebemos, por isso, a influência que esses dois termos (racional e razoável) exercem sobre a contemplação da beleza. Assim, como define o próprio autor:

[...] a diferença que há entre racional (*rationale*) e razoável (*rationabile*), de maneira alguma devemos descurar do que se nos propusemos; pois eles disseram que é racional aquele que usa ou pode usar da razão; porém razoável aquilo que se faz ou se diz conforme a razão (AGOSTINHO, 2012, p. 230).

O racional e o razoável são uma prática intrínseca à vida do ser humano: vestígios da razão na captação do belo e também no que se refere aos sentidos e à

¹³ *De Ordine* II, XI, 31. “*Homo est animal rationale mortale*”.

procura do prazer sensorial. A busca pelo próprio prazer é algo que está ligado ao homem, seja ao contemplar uma obra de arte, ou paisagem, ou, ainda, ao ouvir uma canção que resulte nalguma espécie de satisfação.

Agostinho percebe que o racional e o razoável exercem particular influência sobre a audição e a visão. O pensador faz uma relação entre estes dois sentidos superiores em *De Ordine*, e ressalta: “resta, portanto, afirmar que no prazer destes sentidos isto pertence à razão, em que há certa dimensão e modulação” (AGOSTINHO, 2012, p. 232).

Visto que o ser humano tende a buscar esse prazer, através dos sentidos exteriores e interiores, o que naturalmente atrela-se à busca pela beleza na criação, percebe-se que um dos papéis da razão é propriamente o de captar a beleza nas coisas sensíveis. Percorrendo o caminho do belo sensível, a razão leva o ser humano ao inteligível, fazendo-o capaz de contemplar o belo e, dessa forma, dar-se conta das formas que se dispõem em proporção e ritmo (cf. HINRICHSEN, 2009, p. 104).

A razão, considerando-se a distinção entre racional e razoável, é capaz de estabelecer até mesmo “nomes às coisas” presentes no cotidiano, como na interação com os demais homens, “baseada no vínculo entre mente e pensamento” (HINRICHSEN, 2009, p. 105). Ao estabelecer nome às coisas o homem percebeu a necessidade de usar “vocábulos” para facilitar o entendimento. Já que os homens não podiam penetrar reciprocamente em suas almas, usaram os sentidos como intermediários para associar-se entre si (cf. AGOSTINHO, 2012, p. 235).

Em função disso, no processo de “captação e comunicação da beleza – pela via da simetria e do equilíbrio – a razão inventou as artes liberais” (HINRICHSEN, 2014, p. 162). Como já expresseo, é da razão que se originam as disciplinas, como meio pedagógico de formação do homem, especialmente no que se refere a um pensamento livre. Nesse itinerário, e ainda em *De Ordine*, Agostinho aborda a função das disciplinas liberais e sua contribuição. Este é o assunto que nos impele às páginas seguintes.

2.2 AS ARTES LIBERAIS NA FORMAÇÃO DO HOMEM

Os medievais herdaram dos antigos romanos não somente sua cultura, mas seu modo de educar, ou seja, suas tradições pedagógicas. Os romanos, por sua

vez, herdaram, durante o período helenístico, o desempenho educacional dos gregos, o qual ficou conhecido como “artes liberais”¹⁴ (cf. NUNES, 1975, p. 3). Elas seriam um meio para que o homem melhor se conhecesse, sobretudo no que respeita à sua capacidade de buscar o conhecimento expresso na criação de Deus.

As disciplinas que estão divididas em dois grupos – *trivium et quadrivium* – compõem uma forma educacional do período medieval, a metodologia liberal, ou seja, a forma mais privilegiada para se alcançar o saber. As artes da linguagem, do pensar e da fala, que são pertinentes à mente humana, fazem parte do *trivium*, o qual está ligado ao modo de pensar e se relacionar com os demais. A este modo denominamos a “arte da palavra”. A lógica, como a arte do pensar, que estuda e discute o modo de usar o raciocínio; depois a gramática, como a arte de usar as palavras em determinado discurso, isto é, valer-se de suas regras para melhor se expressar.

A segunda parte das disciplinas está relacionada aos números, como ordem de comunicação através da matéria. O *quadrivium* é composto pela aritmética, que é a teoria dos números. Através de sua aplicação, com certa modulação, ritmo e harmonia, gera-se a música, que é uma espécie de materialidade da teoria dos números. A geometria por sua vez é a teoria do espaço, que estuda as formas, o tamanho e a posição relativa às figuras. Por meio da aplicação dessa teoria nasce a astronomia, o estudo dos astros na órbita. Em suma, o *quadrivium* é o estudo e a contemplação dos números expressos no cosmo¹⁵.

No *De Doctrina Christiana* (A Doutrina Cristã), Agostinho traça um método de estudos para aqueles que desde a juventude têm certa aptidão para o aprofundamento intelectual. Especialmente no segundo livro da referida obra, o

¹⁴ A expressão “liberal” procede do latim *liber*, que significa “livre”, pois é uma oposição às “artes mecânicas”, consideradas próprias dos escravos e serviçais, que foram consideradas impróprias para os homens livres, por ministrarem as necessidades mais básicas. Dessa maneira, as artes belas, ou seja, as artes liberais, já trazem em seu nome a “liberdade do conhecimento” para o ser humano: são artes que libertam.

¹⁵ Em Agostinho os números exercem grande função para a contemplação da beleza, pois se expressam no cosmo. Em sua obra *De libero arbitrio*, o pensador ressalta sua importância no mundo: “o céu, a terra, o mar e todos os seres neles contidos, brilhando nas alturas ou rastejando a teus pés, voando ou andando. Todos possuem beleza, porque têm seus números” (AGOSTINHO, 1995, p.128). O pensador nos mostra que o ser humano não percebe essa beleza contida nos números, portanto é através do cultivo das artes que contemplamos essa vivência do belo no cotidiano. “Contempla agora, a beleza de um corpo bem formado: são os números a ocupar o seu lugar. Observa a beleza dos movimentos corporais: são os números atuando no tempo” (AGOSTINHO, 1995, p. 129). É pelo exercício contínuo das artes belas, na qual educa o olhar, é faz com que o ser humano seja capaz de perceber no cosmo, nas artes, nas ciências e na própria vida a presença constante dos números.

pensador nos revela que o meio para conhecer a Deus se dá com o auxílio das disciplinas liberais, as quais ajudam inclusive na compreensão das Sagradas Escrituras – o que incluiria, além das próprias artes, domínio do latim e do grego, além de entender as artes mecânicas¹⁶ (cf. AGOSTINHO, 2002, p. 132).

As artes são como “servas” para a verdadeira Sabedoria, que segundo Agostinho se encontra em Deus, fonte de todo saber. No artigo “As artes liberais na Idade Média”, Nunes descreve que durante a Idade Média as artes belas eram como que o meio do ser humano se desamarrar das correntes da ignorância. O escritor reconhece que o termo “artes liberais” traz em si seu próprio intuito, de ser homens abertos para os novos conhecimentos (cf. NUNES, 1975, p. 12). Visto que o seu objetivo é proporcionar aos homens a libertação do pensar, ao ponto de a mente dispor-se à liberdade de aplicar-se à filosofia.

O cultivo das disciplinas como um percurso metodológico é visto no período medieval como caminho para o ser humano desbastar a ignorância. Aquele em comunhão com a filosofia contribui para alcançar a contemplação dos vestígios do Criador presentes na vida do homem: a beleza. Dessarte, o homem que está submetido às amarras do orgulho, o qual é tratado como um tipo de “inchaço” pelo retórico de Cartago, vê nascer em si o falso saber. Por conta dessa submissão, o homem não poderá alcançar a felicidade, e tampouco vislumbrar a beleza no cosmos e em si mesmo.

Os refinamentos do *trivium et quadrivium*, como ressalta Nunes (1975, p. 12), nos “livram muitas vezes das necessidades materiais”, as quais impedem o olhar aguçado do homem para enxergar o correto saber que não está preso às questões materiais e exteriores. Assim, as disciplinas liberais nos ajudam a melhor entender a contemplação da beleza contida na interioridade e na exterioridade. As setes artes são como membros superiores do corpo, que nos ajudam a atravessarmos o cotidiano da vida, o qual tem seu cume na liberdade de pensar de forma ampla.

Em seu diálogo sobre *De Ordine*, Agostinho discorre sobre o nascimento dos vocábulos no campo das disciplinas liberais. Assim o pensador nos dá exemplos de algumas artes belas e o seu surgimento através de seus nomes. Primeiramente

¹⁶ Artes Mecânicas” vem do latim: *Artes Mechanicae*.

vemos o exemplo da gramática, estudo tão essencial na vida do autor, como podemos notar:

Mas as palavras dos ausentes não podiam ser ouvidas. Por isso, a razão gerou as letras, notando e distinguindo todos os sons pelo movimento da boca e da língua¹⁷. O mestre-escola encarrega-se de ensinar às crianças as primeiras noções de ler, escrever e dar ritmo, aos sons articulados. Esta profissão foi como que a infância da gramática, e Varrão dava-lhe o nome de *litteratio* (AGOSTINHO, 2012, p. 235).

A razão, de fato, tem grande influência sobre a vida do ser humano. Verifica-se isso até de maneira muito prática. Ao se gerar a gramática, a retórica e a dialética, as quais são advindas do sentido sensorial e da pronúncia, as vogais e consoantes foram sendo dispostas e ordenadas, e logo se via nascer a profissão dos copistas e retóricos. Mediante esse itinerário, vemos quão é necessário o estudo das artes liberais, que por via da razão tendem a nos oferecer grande auxílio para o aprimoramento do saber.

Por conseguinte, com a visão o homem, ao maravilhar-se com a grandeza do mar e da natureza em geral, contempla o céu com sua beleza. Nesse maravilhar-se toma consciência das proporções, pelas quais posteriormente são encontrados os números – e assim por diante. Daí podermos dizer sobre o homem que, “tendo distinguido e ordenado todas essas coisas, sistematizou-as para constituírem uma disciplina à qual deu o nome de geometria” (AGOSTINHO, 2012, p. 240). Note-se como parece natural e progressivo a passagem de uma arte à outra, e é esta a impressão que sucedeu a Agostinho.

Após o homem ter entendido as proporções que estão à sua volta, no que se refere ao céu e à terra, formou a geometria, procurando conhecer mais sobre essa grandeza presente no mundo. Nisso chamou-lhe a atenção o movimento dos astros. Também neste mesmo processo para acompanhar o movimento dos astros, compreendeu que aí reina a medida. Assim, “através das regularíssimas alternâncias dos tempos, pelos cursos invariáveis e definidos dos astros, pelos espaços de tempo ordenados dos intervalos” (AGOSTINHO, 2012, p. 240), originou-se a astronomia.

Com o correto uso dos sentidos e com a percepção dos números presentes no cosmo e não somente em si mesmo Agostinho ressalta nas *Confessiones* (2015,

¹⁷ Em sua obra *De Ordine* Agostinho se refere a outra forma de tradução possível: “A razão gerou as letras, tendo distinguido e determinado os sons das vogais e das consoantes”.

p. 280): “cheguei também, através de todos os sentidos do corpo, ao conhecimento dos números”. Este é, por assim dizer, o passo inicial para o conhecimento do processo de modulação, ritmo, cadência e, por meio dessa captação sensorial, “essa disciplina, que participava do sentido e da inteligência, recebeu o nome de música” (AGOSTINHO, 2012, p. 240).

O papel da música para Agostinho tem valor capital. Tanto é que chegou a escrever um tratado dedicado à contemplação dessa bela arte, o qual é ainda hoje conhecido pelo título *De Musica*. Em vista do percurso que temos empreendido, compreende-se quão precioso é o exercício da mente que, por meio das disciplinas liberais, conduz o ser humano em sua busca pelo saber. Busca essa que o faz querer constantemente, por meio da contemplação, o conhecimento contido nas belezas do cosmo. Portanto o uso da razão está no cume da interpretação das belas artes, pois

[...] a mente racional, em resumo, desenvolveu a gramática, a dialética e a retórica, ordenou os sons, inventou a música e a poesia, instituiu os princípios da geometria e da astronomia, percebeu que todas as artes liberais buscam a beleza, manifesta lá onde reina os números e se fez presente a Unidade (HINRICHSEN, 2009, p. 163).

No breve apontamento de algumas disciplinas liberais, vemos a suma importância dessas para se chegar ao conhecimento das coisas presentes no cosmo. Trata-se de uma significativa parte do caminho de contemplação da beleza na filosofia agostiniana, a qual tem como característica singular e essencial o voltar-se para si mesmo. Entendemos que esse modo de compreender as artes é um itinerário disponível ao homem para chegar à Beleza e, assim, obter o dileto conhecimento, almejado por muitos filósofos, mas, por causa do orgulho (cf. AGOSTINHO, 2015, p. 182), nem sempre obtido.

O estudo das artes belas, propagadas com grande apreço no período medieval, é um caminho a ser percorrido para tornar fecunda a trajetória do ser humano no que se trata do alcance da vivência do belo. O bispo de Hipona argumenta que as “artes liberais aprendem-se em parte para a utilidade da vida, em parte para o conhecimento das coisas e para a contemplação” (AGOSTINHO, 2012, p. 242).

As disciplinas são a via da beleza, ou seja, a vivência do belo. Servem como “degraus” que educam a razão para a contemplação da Suprema Beleza. As artes

nos levam ao conhecimento das coisas, despertando no ser humano o sentido da beleza, que se faz presente em toda a criação. Educando os sentidos interiores, exteriores e a razão para a utilidade do belo na própria vida, estaremos preparados para avaliar adequadamente as belezas presentes na criação, nos artefatos e nas ações humanas. Desse modo, as disciplinas liberais nos conduzem a uma vida harmoniosa, revelada pela captação da beleza interior e na criação.

Ainda sobre esse assunto, o professor Hinrichsen aponta o papel dessas disciplinas como meios de se contemplar a beleza em seus vários âmbitos, tal como está presente no universo, como via para uma vida que engendra a autorreflexão. Diz ele:

Pelas artes liberais, constatada que em todas as regiões da criação há harmonia ou beleza, seus cultivadores são convidados a imitar, através de pensamentos e atos, o belo ritmo contemplado. As artes liberais, em resumo, educam razão e vontade, ou seja, a pessoa em sua integralidade na direção da virtude e conseqüente vida feliz (HINRICHSEN, 2014, p. 163).

A alma virtuosa, que reconhece e contempla a magnitude do Imutável, está em profunda comunhão com seu Criador. Essa íntima relação se dá através do uso correto das disciplinas liberais. As artes belas nos encaminham para a ciência dialética por excelência, que é a Filosofia, em harmonia com a razão. Nesse sentido,

o

[...] exercício contínuo das artes liberais permite [...] a educação da razão – olho da alma – para que perceba o significado de todas as coisas. A descoberta gradativa da verdade, através das artes, possibilita o desenvolvimento de visão integrativa que inclui todas as realidades. As ações humanas também são inseridas nessa rede harmônica que denominamos cosmo ou mundo – na qual tudo é positivo – pois prevalece a ordem do ser (HINRICHSEN, 2014, p. 163).

Em *De Ordine* é particularmente caro o exemplo do “otimismo metafísico” agostiniano em relação à contemplação da beleza que se faz presente na Criação, como reflexo da bondade do próprio Criador. Dessa forma, vemos um caráter peculiar no itinerário filosófico agostiniano, para o qual tudo é bom e, portanto, participa da bondade do Ser, pois é de onde emana o Supremo Bem, a Suprema Beleza. Conseqüentemente, vemos que “no universo criado, tudo está disposto com unidade e ordem, portanto beleza e bondade presentes em todas as regiões e níveis da criação” (HINRICHSEN, 2009, p. 96).

As diversas disciplinas liberais, em uniformidade com a razão, através de suas indagações e reflexões, encaminham o homem à Filosofia. Nesse processo está inclusa a ordem. Todo esse intuito de aperfeiçoar o conhecimento nas artes e na ciência (esta que, por excelência, se compreende como Filosofia), permite que o pensar se dê em diversas formas: seja como oralidade, no sensorial (audição), na contemplação dos astros (visão) ou na compreensão dos números. Alcançar harmonia em nosso saber é, portanto, o mesmo que buscar o equilíbrio no autoconhecimento, de modo que pela razão chegamos ao conhecimento do que é sensível, inteligível e de nós mesmos. Este é, em suma, o papel da ordem no campo das disciplinas liberais.

Como já esboçado no capítulo anterior, a ordem está contida no universo, gerando a harmonia e a unidade, pois nela há regularidade, ou seja, reina a medida. Na contínua busca pela medida certa, Agostinho nos esclarece que é de suma importância buscar o equilíbrio em nossas vidas, segundo “o padrão da ordem na criação [...]. No cosmo criado, tudo está bem-disposto, até aquilo que nos parece disforme” (HINRICHSEN, 2009, p. 97).

O universo não pode se esquivar da ordem, que o rege e governa. Trata-se, portanto, da ordem cósmica. Através da ordem o ser humano tende a buscar algo para chegar ao conhecimento que, do interior, resultará exterioridade, pois o movimento é de dentro pra fora, ou seja, é voltar para si mesmo, ter consciência de si mesmo, para depois conhecer aquilo que está ao nosso redor. Étienne Gilson salienta que nesse movimento

[...] o homem se vê e se conhece como uma parte do universo regido por Deus; sabe que é convocado a colocar-se em seu lugar numa ordem universal, à qual ele tem o dever de se subordinar reportando qualquer coisa ao fim comum, e não a si mesmo como fim (GILSON, 2007, p. 230).

A ordem leva o homem a conhecer melhor a si, na busca de sua beleza interior. Quando tentamos fugir dessa ordem cósmica, tornamo-nos débeis e queremos ser causa final das coisas que estão ao nosso redor. Faz-se, então, imperativo compreender realmente que “a beleza é impressa ao mundo através da ordem” (ROSSET & FRANGIOTTI, 2012, p. 54).

Em *De Ordine*, enfim, percebemos quão importante é o papel da ordem no olhar filosófico agostiniano. Quem “o negará, ó grande Deus, que administras tudo

com ordem? Como tudo se mantém! Com que sucessões invariáveis tudo é impelido aos seus desenlaces!” (AGOSTINHO, 2012, p. 173). Ordem que provém do Criador, ou seja, o Ser Imutável, a quem Agostinho procura sondar em suas obras com grande entusiasmo.

Destarte, as artes, por meio da ordem cósmica, são o melhor caminho para conhecermos aquilo que nos foi deixado para nossa melhor formação enquanto seres humanos. Nas próximas linhas deste capítulo trataremos o papel da arte, como um rastro, isto é, vestígios que são impressos no tempo como meio de eternizar o saber. Esta talvez seja a maneira mais eficaz de acesso ao homem interior, processo que se inicia pela exterioridade, para depois irromper do belo interior para o belo exterior. O que muda é a maneira de enxergar.

2.1.1 A arte como epifania do eterno no tempo

O percurso que fizemos até agora tem nos mostrado que, por meio da razão, nascem as disciplinas tão almeçadas por diversos sábios, especialmente no campo da vivência do belo, em que nos deparamos com as obras de artes. Essas obras são manifestações do interior humano. Na arte o interior humano tende a se revelar, seja por meio de uma escultura, seja também nas letras, ao escrever um poema imbuído de harmonia própria, ou, enfim, na pintura e na música. No desvelar do belo interior através do belo exterior percebemos que “todos os artistas procuram nas formas exteriores o conteúdo interior” (KANDINSKY, 1996, p. 53).

No processo da percepção do belo, o pintor e pensador Wassily Kandinsky, em sua obra “Do espiritual na arte”, nos apresenta a relação do belo interior com o belo exterior, como meio da arte se manifestar na constituição do próprio ser humano. Kandinsky aponta, em paralelo com o pensamento de Agostinho, que a percepção da beleza, como modo de acesso à contemplação do belo, passa pela interioridade. Mais especificamente, afirma esse aspecto com a expressão: “Princípio da Necessidade Interior” (cf. KANDINSKY, 1996, p.76) – uma relação harmônica entre o interior e o exterior do homem.

De volta a Agostinho, quando contemplamos qualquer obra de arte, percebemos que o homem não é o seu criador absoluto, mas apenas o seu artífice. Sobre o termo “artífice”, o Papa João Paulo II, em sua famosa “Carta aos artistas”, de 1999, retoma algo que Agostinho já expressava em seu modo de pensar. Nisto

vemos que ao contrário do criador, o “artífice [...] utiliza algo já existente, a que dá forma e significado” (JOÃO PAULO II, 1999, p. 6). Existe, então, uma relação entre o artista e seu Criador, e essa relação se dá por meio da razão.

O retórico de Cartago descreve que “a razão quis elevar-se à beatíssima contemplação das coisas divinas” (AGOSTINHO, 2012, p. 238), na qual estão contidos os sentidos internos e externos. No *De libero arbitrio*, além disso, Agostinho esclarece que “é porque eu reconheço no sentido interior um guia e um juiz dos sentidos exteriores” (AGOSTINHO, 1995, p. 90), que posso conduzir-me na relação com as coisas criadas. Identificamos, assim, o ponto que os referidos pensadores, Agostinho e Kandinsky, têm em comum: um “princípio interior” para expressar a beleza nas obras de arte.

Quando a razão educa a percepção do olhar do homem no que se refere às belas artes, essas mesmas artes passam a ser para o homem meio de manifestação da beleza que reside em seu Criador. O ser humano capta tal manifestação pela via da interioridade. Somente assim pode tornar-se “artífice”. No mundo todo vemos que as artes são algo próprio do homem. Portanto, “toda forma autêntica de arte é, a seu modo, um caminho de acesso à realidade mais profunda do homem e do mundo” (JOÃO PAULO II, 1995, p. 14), e esta sentença tem suas raízes no pensamento agostiniano.

Essa forma expressiva da interioridade é o itinerário pelo qual o homem, através do tempo, entende que as artes o ajudam a compreender a beleza interior que reside em si mesmo e nos seus semelhantes. Agostinho salienta que o tempo e a via interior são fontes de suma importância para aqueles que se dedicam às artes. Desse modo, diz ele, “[...] os aprendizes, dobrando-se às regras da arte a que estão a aprender, com o desejo de se tornarem artistas, movem seu corpo no tempo e no espaço” (AGOSTINHO, 1995, p. 129).

Toda forma de arte exerce uma determinada função educadora na vida do homem. Para “Agostinho, no tempo, somos servidores do Belo, somos seus hermeneutas, enquanto deciframos sua presença na criação ou compomos belas-obras-de-arte” (HINRICHSSEN, 2014, p. 163). Na arte está contida uma “beleza” que dá entusiasmo para o trabalho, para que este possa ressurgir a cada dia e a cada tempo, reencontrando sempre aquilo que o homem carrega no seu interior.

Cada artista é servidor da arte, pois vale-se dos sons e cores para se expressar em cada tempo. Cabe àqueles que receberam o dom da arte, como

manifestação da beleza do Criador, transmiti-lo através de suas mãos. Dito de outra forma, o artista tem a tarefa de exprimir o elemento eterno da arte, como artífice que é. Trata-se de um cultivo gradual, que captamos não somente pelo o olho da alma, mas em comunhão com o olho espiritual. Ao olho espiritual cabe enxergar a beleza no cosmo, como marcas do Criador que nos interligam a Ele, o Sumo Belo.

O desvelar interior pelas obras de arte nos mostra ainda as culturas e experiências que cada um carrega em si mesmo. Todos esses aspectos estão contidos na memória, pois é nela “que me encontro a mim mesmo, e recorro as ações que realizei, quando, onde e sob que sentimentos as pratiquei” (AGOSTINHO, 2015, p. 275). A expressão das artes tem, por isso, uma relação com a memória, pois nela que está contido o conteúdo tornado manifesto, como meio de armazenamento daquilo que gera a beleza.

Também o conhecimento de nós mesmos se dá através da via da memória. Entretanto, não podemos apenas contemplar a beleza no cosmo, mas fazê-lo com um espírito de indagação ante a realidade criada. Esse é o ofício por excelência da memória. A beleza, portanto, tende a se manifestar em unidade, harmonia e ordem, mas, para isso, devemos antes contemplar a nossa própria beleza, sermos capazes de nos ler a partir do interior – faculdade possível com o auxílio das artes liberais. Aqueles que por esse caminho optarem, encontrarão “na memória o porto de abrigo e partida para uma vida, verdadeiramente, feliz” (MAGALHÃES, 2012, p. 27).

Tal processo permite fazer uma autorreflexão, isto é, compreender que “toda arte é filha de seu tempo e, muitas vezes, mães dos nossos sentimentos” (KANDINSKY, 1996, p. 27). Percebemos, em suma, que a arte tem uma ligação com algo que é muito próprio ao ser humano, isto é, a memória – a qual é guardiã de nosso sentimento e de nossa disposição de desenvolver qualquer arte. Esse é o tema sobre o qual convergiremos nossa atenção nas últimas páginas desse capítulo, como segue: a função da memória na percepção da beleza.

2.1.2 A função da memória na percepção do belo¹⁸

Em *Confessiones*, mais especificamente no livro X, Agostinho dedica algumas páginas ao tema da “memória”, conceito que, apesar da complexidade, procuraremos abordar em sua função anterior à captação da beleza. Agostinho discorre acerca de disposições naturais do próprio homem, que tem a tendência ou inclinação de olhar somente pela via dos sentidos corporais, ou seja, de ver o mundo apenas pelo olhar exterior, o que pode desviá-lo da contemplação de Deus.

Nesse sentido, o filósofo nos mostra que através da memória também podemos perceber as belezas impressas na criação, como vestígios da Beleza Suprema. Esse percurso resulta da via da interioridade, cerne da filosofia agostiniana. Ao que parece, temos a tendência de diminuir as lembranças, supervalorizando as experiências. Para tratarmos a memória, contudo, tal processo tenderá a se inverter, fazendo-se ela própria o motor do conhecimento (cf. MAGALHÃES, 2004, p. 21). Noutras palavras, sua função é estimular a capacidade de lembrar do ser humano, com foco para o cultivo interno e para o seu aperfeiçoamento.

A função da memória, para Agostinho, é exercida da seguinte forma: “de fato, recordo-me de ter estado alegre, ainda que não o esteja neste momento, e lembro-me das minhas tristezas passadas, sem estar agora triste” (AGOSTINHO, 2015, p. 281). Através desse simples exemplo, percebemos determinado aspecto do ofício da memória, isto é, estimar a capacidade de lembrar do ser humano no cultivo de sua interioridade. Mas isso também possui um nexos com o âmbito da experiência, da vida vivida imediatamente, já que lembrar também é viver.

Em *Confessiones* o autor retrata o tempo e a memória como caminhos para a interioridade e para a contemplação da beleza, fazendo com que o homem possa refletir sobre as contingências que a vida propõe através de um itinerário ordenado. Agostinho salienta que foi a memória uma das responsáveis por auxiliá-lo na apreensão daquele que seria tido como o seu maior tesouro: “eis o espaço que

¹⁸ A respeito da memória é preciso ressaltar que se trata de um tema de profunda importância para uma compreensão mais abrangente do pensamento agostiniano, especialmente por conta do que isso implica para a questão do tempo – que representa uma das maiores contribuições de Agostinho para o legado filosófico dos séculos que seguiram. De nossa parte, contudo, tocaremos este ponto apenas na medida em que também diz respeito ao entendimento das artes e de sua inserção no horizonte mais amplo da formação humana. Deixaremos de lado um olhar mais atento sobre a memória em sua articulação com a percepção do tempo para a considerarmos em sua vinculação com a percepção imediata, necessária à leitura da beleza.

percorri em minha memória para buscar-te, Senhor, e não te encontrei fora dela. Nada encontrei referente a ti, de que não me lembrasse desde que te conheci, porque, desde então, nunca mais me esqueci de ti” (AGOSTINHO, 2015, p. 293).

Vemos que existe na filosofia agostiniana uma relação especial com a memória, pois, através dela, o pensador chega a Deus. O mesmo Deus que já havia ouvido de sua mãe, Mônica, desde a infância e juventude; o “Deus dos cristãos”. Entretanto, ele mesmo relata em *Confessiones* que, imerso nas trevas, não tinha conseguido contemplar tal beleza, motivo pelo qual a memória pode ser apontada a partir de sua função de resgatar aquilo que ao longo da vida displicentemente vivida acaba por passar por despercebido ou sem importância.

Para Agostinho a memória é, então, de capital importância para o acesso à Luz que, em geral, encontra-se ofuscada pelas vãs paixões da vida. Segundo o pensador, “é esta a luz verdadeira, a luz única, e os que a veem e amam são todos um” (AGOSTINHO, 2015, p. 306). Sobre essa “Luz”, como algo não humano, mas divino, ou seja, que se refere ao Criador, será feita uma abordagem mais específica no terceiro capítulo deste estudo, no qual discutiremos acerca do itinerário em busca da beleza e da *beata vita* que, em última instância, também se mostra como um itinerário para Deus.

Dessa maneira, para Agostinho a memória é nosso meio de aprendizagem. Através dos sentidos externos e internos, chegamos ao melhor conhecimento de nós mesmos. Todo esse movimento pode ser acessado a partir da vida diária, desde que estejamos já preparados para percebê-lo:

Assim, posso recordar, conforme me agrada, todas as outras coisas que são introduzidas e acumuladas pelos outros sentidos. Sem nada cheirar, distingo o perfume dos lírios do perfume das violetas, e sem nada provar nem tocar, mas apenas de memória, prefiro o mel ao mosto cozido, o macio ao áspero (AGOSTINHO, 2015, p. 275).

Para Agostinho, a via da memória é umas das formas de se conhecer a beleza, com a qual tivemos algum contato, ou seja, alguma experiência que vivenciamos com os vestígios de Deus, marcas do belo. Tal se realiza por meio do “estômago da alma”¹⁹, como a memória é retratada pelo filósofo, na qual podemos chegar a conhecer a nós mesmos, em unidade com a via interior, entendendo o alcance das sensações internas e externas e sua influência sobre nós. Desde modo,

¹⁹ Cf. AGOSTINHO, 2015, p. 281.

podemos dizer que o *eu* realiza “interiormente todas essas ações, no grande palácio da memória” (AGOSTINHO, 2015, p. 275).

Tendendo para a conclusão deste capítulo, podemos dizer que todo o percurso por nós realizado tende a nos mostrar que em Agostinho a memória ocupa um importantíssimo lugar: o de conhecer o Criador e Autor de tantas belezas. Veremos que o passado não desaparece, mas deve passar por um processo de ressignificação, ou seja, de purificação, obra do próprio Criador. Porque é o Criador que sustenta o mundo, apesar de todas as adversidades, também a este importa o contato com a criatura. À vista disso, “aquele que se alegra em Deus, portanto, ama e cuida da criação, de si mesmo e do outro, pois cada ser é possibilidade de encontro com o divino” (HINRICHSEN, 2009, p. 84).

Refletindo sobre o ofício da memória, vemos sua ligação com a interioridade, a qual faz o homem lançar-se para contemplar a beleza que está no íntimo de cada um, principalmente daqueles que se empenham através das artes belas. A dedicação às disciplinas liberais é, por isso, de suma importância, sendo também um convite permanente à harmonização da alma, levada a estimular a virtude e a busca integral pela beleza expressa na vida virtuosa.

A alma que busca se embelezar já nesta vida torna-se o antegozo da visão de Deus, o “Primeiro Princípio”, em sua “existência” futura. Portanto, aquele e aquela que buscam a via harmoniosa dada em uniformidade com as artes liberais e a dialética por excelência, que é a filosofia, buscam automaticamente uma vida bela e justa, a qual é o prenúncio da via futura. Neste capítulo, discorreremos sobre a função das artes liberais, cujo uso pedagógico, liberta o ser humano para melhor pensar, com suas incansáveis reflexões, proposições e inquirições e, automaticamente, nos encaminha da razão ao amor pela sabedoria.

Do Criador Liberal que tudo governa, priorizando a vida dos seres, por intermédio das artes liberais, vemos seus vestígios em cada obra. Em tudo há harmonia e beleza, como expressão de sua magnitude. Quando o homem é capaz de conhecer a si mesmo, apreciar aquilo que tem de bom e belo, imediatamente vê-se suscitado a conhecer sua própria beleza, a qual é apenas uma pequena fresta da magnitude da Beleza Suprema.

O pensador hiponense ressalta, além disso, que não devemos nos distanciar da interioridade, pois é no homem interior que podemos alcançar a bondade, a beleza e a verdade. Eis, portanto, o motivo da conhecida exortação: “não

sai de ti, mas volta para dentro de ti mesmo” (AGOSTINHO, 2002, p. 98). Agostinho percebe tratar-se de uma dádiva que o homem recebe de Deus, o Ser Imutável, da qual não pode distanciar o olhar; auxílio sem o qual torna-se impossível reconhecer a beleza nas coisas.

Portanto, se no primeiro capítulo destacamos a beleza presente na ordem como via de contemplação e, neste segundo, discorremos sobre como a ordem está interligada às artes belas, afim de que o ser humano possa melhor entendê-la no exercício das disciplinas que aprimoram o seu olhar para a vivência do belo, restamos, enfim, constatar que a renovada dedicação às disciplinas conduz a uma melhor avaliação do belo, a qual somente será empreendida em vista de se alcançar a perfeita unidade, o Uno, na qual reside a Suma Beleza. Este é o ímpeto que nos motiva a continuar.

3 DA BELEZA AO SUMO BELO: A CONTEMPLAÇÃO DE DEUS

Enfim, deixemos visão da beleza das coisas para serem contempladas por aqueles que a podem ver, graças ao auxílio de Deus. Quanto àqueles que são incapazes de a ver, não tentemos levá-los a contemplar o inefável mistério, por palavras.
De libero arbitrio II, XII, XXXVI

Com a *creatio ex nihilo* Aurélio Agostinho nos revela a origem e o fundamento de seu filosofar: que o cosmo possui apenas uma fonte e, por consequência, tudo o que foi criado é naturalmente belo. O itinerário agostiniano visa a interioridade, em que se encontram os vestígios do Ser nos outros seres, as marcas do divino na criação. O fundamento da beleza é, então, a Suma Beleza, que se encontra no Divino, autor de toda Beleza, o Belo Absoluto.

Em sua obra *De Vera Religione*, o retórico de Cartago nos mostra o aspecto fundamental para se compreender a fonte originária da beleza, quando retrata

[...] que, pela mesma razão, antes de tudo deve-se cuidar da alma, para que possa contemplar o exemplar imutável das coisas e a beleza incorruptível, absolutamente igual a si mesma, sem divisão no espaço e sem variação no tempo, mas sendo sempre a mesma, e idêntica em todos os seus aspectos. Beleza essa cuja existência os homens negam, apesar de ser única, verdadeira e suma (AGOSTINHO, 2002, p. 28).

Agostinho, a partir de sua concepção sobre a origem da “Sublime Beleza”, afirma que não devemos ficar presos ao belo sensível, ou seja, ao que é material e à exterioridade somente, mas buscar além do que os olhos humanos podem ver. Do contrário, podemos cair no erro e na ilusão do que o mundo pode oferecer como fonte da beleza. Para evitar isso é preciso educar o olho da alma, em comunhão com as belas artes, como vimos anteriormente. Esse cuidado levará a alma a contemplar, com o auxílio divino, a verdadeira Beleza.

A beleza que o pensador nos recomenda buscar constantemente está além do olhar físico, pois sendo imutável e eterna não pode sofrer as mudanças do tempo. Não sendo passageira, a real beleza permanece sempre no cosmo e no ser humano, o qual ao olhar para si mesmo se torna hábil para contemplar os vestígios da beleza expressa nas criaturas. Assim, como “Agostinho procura a Deus como quem sabe e ama o que busca, ainda que sem possuí-lo” (BOEHNER & GILSON,

1970, p. 152), veremos que a procura da beleza não segue um rumo diferente, pois uma vida bela se dá virtuosamente.

É algo próprio de Agostinho seguir pelo caminho que exige do ser humano um olhar à procura do Supremo Belo. Destarte, ele mesmo mostra que a vida bela não está distante de nós. No entanto, precisamos abrir os horizontes para chegarmos a tal contemplação, para que o olhar físico possa finalmente ver e compreender.

3.1 O BELO: VESTÍGIOS DE DEUS

No filosofar agostiniano o universo, a partir do qual se contempla a beleza da criação, é regido e disposto por uma ordem em conformidade com a unidade, onde há ritmo e, portanto, beleza. O belo é como que um reflexo de algo grande e perfeito que emana da fonte proveniente da beleza, diferentemente da concepção dos maniqueístas. Para os seguidores de Mani, a imagem do mundo, ou seja, do cosmos, era tida como algo descartável, referindo-se a um “espelho diabólico”, cindindo sua unidade com a doutrina dos dois princípios antagônicos, o “divino bem e divino mal”, e introduzindo, assim, o fatalismo e o pessimismo no homem.

Com a nova ótica de Agostinho, o mundo criado a partir do nada é totalmente bom, ordenado²⁰ e harmônico. O filósofo nos apresenta uma concepção “otimista” do universo, originário da Suma Bondade, o Único e Soberano, que é Deus. Crendo piamente nesta concepção, o retórico de Cartago contempla o mundo essencialmente bom e espelho de bondade. Em sua obra “A verdadeira religião”, o pensador afirma que “toda a integridade vem do Autor de todo bem. É assim que Deus, sendo o princípio de todo bem, o é igualmente de toda integridade” (AGOSTINHO, 2002, p. 60).

Os seres, dessa forma, participam dessa bondade, embora não sejam totalmente “bons” ou “belos”, pois somente um é todo Belo e Sumo Bem, que é Deus. Sendo assim, “por serem bons, procedem de Deus; por não serem plenamente bons, não são Deus” (AGOSTINHO, 2012, p. 60). Todo ser criado é um

²⁰ Como já expresseo no primeiro capítulo, Agostinho parte da ordem universal que reina no cosmo para atingir primeiramente a vida sensível do ser humano e também sua vida do espírito. O filósofo, com notável sensibilidade no campo da estética, descreve em sua obra *Confessiones* essa concepção de contemplar a beleza manifesta na criação. Especialmente no XIII capítulo, “Meditação sobre os significados alegóricos da criação”, retrata que: “Todas as obras de tuas mãos são belas, e tu, que as criaste, és indizivelmente mais belo” (AGOSTINHO, 2015, p. 423).

fragmento Daquele de quem procede toda e qualquer espécie de virtude, sendo Ele o Primeiro Princípio de tudo. Nisto Agostinho vê o mundo com um olhar totalmente diferente dos maniqueus, que o julgavam como mal, pois esqueceram que tudo é feito a partir do Bem²¹.

Na compreensão agostiniana o cosmos é organizado não somente pelo exercício da ordem, mas também segundo o modelo das “ideias divinas”²², visto que “tudo o que ele [o mundo] tem de ordem, de forma e de fecundidade vem delas, de modo que o liame fundamental que religa o mundo a Deus é uma relação de semelhança” (GILSON, 2007, p. 397). Dessa forma, aquilo que é criado no universo participa de sua Bondade e Ideia, isto é, tudo é redigido pelo Grande Maestro, que compõe a Bela Canção do Universo.

Com relação às ideias divinas, devemos entender que aquilo que existe no cosmo participa dessas “ideias”, as quais estão dispostas em ordem, sendo como o “reflexo” do princípio da criação. Dessarte, diante do Criador, Ser Imutável por primazia, aquilo que temos por exemplo de uma perfeita sabedoria ou castidade, ou, até mesmo da própria beleza, a qual estamos abordando, é apenas adjetivo; via transversal e necessária para o acesso do homem, cujo saber não é absoluto.. Deus, ao contrário, é único em si mesmo, totalmente distinto do mundo.

Na sua obra *De libero arbitrio*, especialmente no II livro, que retrata a existência e prova de Deus, são identificados os “vestígios do Ser”, o qual é apresentado com o termo “Sabedoria”, presente no cosmo. Com essa concepção, o retórico de Cartago compreende que a Sabedoria, ao criar o mundo ordenado, deixou seus vestígios, os rastros, pelos quais a mente purificada pode chegar à verdadeira Sabedoria. Nesse sentido, ainda sobre a função da interioridade na contemplação do belo sensível, vamos ao trecho abaixo:

²¹ Em sua obra *Confessiones*, o pensador nos relewa que as coisas criadas por Deus, a Sabedoria eterna, têm a bondade em si. Agostinho nos diz que: “Portanto, há quem julgue ser mau aquilo que é bom, como aqueles os maniqueístas [...]. Outros que veem como bom aquilo que é bom, como aqueles que tanto admiram a tua criação, porque é boa. Contudo, não és tu que lhes agradas, pois eles acham melhor alegra-se na criatura que em ti” (AGOSTINHO, 2015, p. 441). Neste aspecto vemos que a criação deve ser amada e cuidada, pois é expressão também de sua beleza, mas não se pode deixar de amar o autor da beleza.

²² Ao dizer sobre as “ideias divinas”, Étienne Gilson nos esclarece seu determinado ofício presente na criação. Conforme o comentador, “todas as coisas são o que são por participação nas ideias de Deus, mas, para se alcançar a raiz dessa relação, é necessário ultrapassá-la e estender a relação de participação à participação” (GILSON, 2007, p. 398).

[...] em qualquer lugar onde olhares, a Sabedoria te fala pelos vestígios que imprimiu em todas as suas obras. E quando recais de novo no amor às coisas exteriores, é valendo-se da própria beleza dos seres exteriores que ela te chama a teu interior. [...] Ao indagares de onde vem isso, entra em ti mesmo e compreende tua impotência de julgar para o bem ou para o mal os objetos percebidos por teus sentidos (AGOSTINHO, 1995, p. 128).

Agostinho nos mostra que a Sabedoria se revela na natureza e nos corpos através dos números. Números que expressam uma beleza que se estende desde sua criação. É por essa via que revelam ao homem que a Sabedoria que ele mesmo busca está constantemente viva no cosmo, como meio de contemplação da beleza na criação, para se alancar a humana sabedoria. É por meio da apreciação das belezas sensíveis que podemos perceber no belo o Belíssimo. Todavia, é sabido que podemos cair no erro de ficarmos somente no belo exterior, sendo que ele é somente um meio para tal excursão, pois segundo o filósofo, a Sabedoria faz uso da própria beleza no mundo para fazer um convite ao homem para dentro de si, onde residem os seus vestígios.

Em Agostinho, no que se refere à visão cosmológica relativa a uma teoria da beleza, vemos que o Criador é o fundamento daquilo que é belo. A beleza presente no ser humano ou nas demais criaturas é somente uma parcela da Beleza, sejam seres racionais ou não, fauna ou flora. Toda “criação entoa sem cessar seus louvores” (AGOSTINHO, 2015, p. 113). Por isso, a “beleza original fundada na semelhança é reencontrada em todas as belezas participantes” (GILSON, 2007, p. 403). Aquilo que é contemplado como belo, não traz em si uma beleza própria, mas traços da Beleza, que voltam para Ele como um perene louvor.

Esse modo de pensar sobre a percepção do belo distingue-se dos antigos gregos, principalmente dos neoplatônicos que, de certa forma, também influenciaram seu filosofar. Vemos que para os pensadores anteriores a Agostinho a via da beleza estava mais delimitada, em Platão, por exemplo, ao que é presente na música; ou nas artes, como em Plotino. Agostinho não exclui a beleza presente nestes âmbitos, como percebemos nos capítulos anteriores, mas ousa ir além do belo sensível e inteligível, a fim de atingir aquilo que é a sua origem e fundamento. O pensador vai além desses vestígios do belo, buscando direta e insaciavelmente a sua fonte, o núcleo de onde emana a Suprema Beleza. Esse é o motivo de insistir na beleza contida na interioridade.

A contemplação da beleza presente no mundo não deve ser um fim em si mesma. Sendo em si a finalidade das coisas, o retórico de Cartago nos faz o convite a irmos além, a não ficarmos somente no belo pelo belo. O pensador nos chama para irmos pelo caminho seguro da interioridade: indo do belo sensível ao inteligível, e desse ao Belo em si. Esse itinerário nos mostra que não se deve ficar estagnado somente no nível da contemplação da beleza no cosmo, pois todas as coisas criadas pelo Ser participam e provêm da Suma Beleza.

Dessa forma, aquilo que avaliamos como belo, participa da unidade e harmonia da Beleza. Somente assim as coisas criadas são belas, por estarem em similitude com a Beleza. Assim deve estar a alma do homem, em comunhão com seu Criador. Dessarte, “quando o homem contemplar o belo no mundo, esse belo deve servir em última instância, para conduzi-lo a beleza fonte de todas as belezas” (BRANDÃO, 2016, p. 312). Com essa nova forma, Agostinho insiste em que não fiquemos somente na contemplação da beleza presente na criação, como modo de admiração e prazer, mas que sejamos capazes de nos elevar à constante busca pela raiz do belo.

O filósofo nos lembra que realmente existe a beleza contida nos seres, presentes em várias situações e fenômenos do cosmos, e que, por consequência, nos atrai à admiração e ao encanto satisfeitos na contemplação. Adverte-nos que não se pode negar essa beleza sensível, mas é necessário cautela para que a contemplação do belo sensível não nos impeça de chegarmos à fonte primária. Com efeito, a apreciação do belo no universo advém para Agostinho não como uma vã e inútil inclinação, mas necessária como “degrau” para se alcançar a beleza imperecível e imutável.

É também esse o intuito de valer-se do “olho da alma”, isto é, a razão, para chegarmos a melhor entender a função que a beleza tem no mundo e em nós, de modo a transformarmos o nosso olhar no que se refere à percepção do belo em seus vários aspectos no mundo. Esse é o papel do contemplar: seja ao ver uma paisagem em um bosque, ou ao prestigiar uma canção que através de seu modular nos leva a estimar a beleza nas notas, gerando um gozo, satisfação que se dá pela própria contemplação da beleza. Nesse sentido, percebe-se que os rastros da beleza não são algo distante do ser humano, mas estão contidos em seu itinerário, considerados desde um comportamento vulgar, cotidiano, até uma leitura mais detalhada e cuidadosa.

O filósofo está investigando o caminho para melhor educar nossa visão, de modo a chegarmos a conhecer a verdadeira beleza, pois o papel do “olho da alma” é investigar as interpelações que se dão a respeito da vivência do belo. Vivência esta entendida como a busca incansável pela *beata vita*, que só se pode alcançar com a educação do olhar; uma vida que busca e gera harmonia, ou seja, uma vida virtuosa. Agostinho busca pela via da razão humana “a contemplação das belezas do mundo. Assim, por meio da contemplação do belo no cosmos, a razão deve elevar-se para a contemplação da beleza eterna” (BRANDÃO, 2016, p. 317), possuindo a almejada vida feliz²³.

O cunho filosófico agostiniano desenvolve o estudo sobre a beleza, a qual está intimamente ligada à via da interioridade. O trajeto da percepção do belo na obra criada, em unidade com a filosofia, é um convite à unificação do saber, que parte do exterior ao interior e para o superior. Neste caminho o homem é chamado por meio do amor à sabedoria a se conhecer melhor, fazendo sempre uma autoavaliação, refletindo sobre si mesmo. Desse modo, o ser humano só pode vislumbrar a beleza no universo quando for capaz de percorrer esse itinerário, que o levará, antes de tudo, a contemplar a beleza em si mesmo e em cada um dos seres.

Quando o homem educa seu olhar, por meio do uso correto da razão, chega a entender que também fez parte do todo, e que participa do vestígio da Suprema Beleza. Dado que, se há bondade, beleza e uma vida casta presente em seu caminhar, é porque existe uma unidade entre o Criador e a criatura. Neste aspecto veremos que o ser humano precisa caminhar com Aquele que é o Autor da unidade. Por essa via, nas próximas páginas procuraremos nos ater à forma pela qual tal unidade mostra-se interligada a uma vida que busca beleza, para muito além de nosso olhar corporal, como ressalta Agostinho.

3.1.1 A unidade: princípio de contemplação do Belo

Na filosofia agostiniana, ao falarmos sobre o belo, ou seja, aquilo que há beleza em si, exige como já ressaltamos uma harmonia, simetria, proporção nas partes e ordenado, características essenciais do olhar “estético avaliativo”, do

²³ Sobre isso devemos lembrar que a vida feliz é objeto da vida terrena. Em seu itinerário de reflexão Agostinho descobre outra finalidade para o homem, uma finalidade que só pode ser alcançada na outra vida, na vida eterna. A essa ele denomina *pax*, isto é, a plena paz.

retórico de Cartago. Com esses aspectos, existe uma “unidade” nas partes do cosmo, em um corpo, no belo mosaico, em uma construção. Nesse sentido, o cosmo é disposto em um “quebra-cabeça”, que caso falte uma peça qualquer, ainda poderemos visualizar e identificar a imagem. Porém, o todo não poderá ser contemplado, já que uma determinada parte estará ausente para constituir a unidade.

O ser humano em sua natureza é composto de unidade: corpo e alma²⁴, que, segundo a concepção de Agostinho forma-se uma união. No pensamento de Platão, ele concebe que a alma é separada do corpo, como se esse fosse o cárcere da alma. Mesmo influenciado pelo pensar neoplatônico, Agostinho propõe uma nova forma de concepção do homem, ou seja, não separando corpo e alma, mas afirmando que a alma não é prisioneira do corpo, ela está encarnada nele, como num todo, não existe discrepância, é uma unidade substancial.

O pensador não admite a separação de ambos, pois estão em unidade. Em Agostinho, a alma exerce um caráter relevante, pois é dotada de natureza especial, isto é, elevar o homem a Deus, seu Criador. Diferente do corpo, que para o filósofo é passageiro e transitório, limitado, sujeito às mudanças do mundo. Mesmo com essa visão de ambos, Agostinho não desfaz dessa unidade, proveniente da perfeita Unidade, pois ela é expressa em sua própria criação, em que o ser humano é vestígio dessa característica.

Como expresse anteriormente no segundo capítulo, em *De libero arbitrio* o pensador salienta que o corpo é composto por números que se formam, gerando uma beleza composta pela unificação. Essa harmonia está contida em cada ser, tidos como vestígios da unidade. Os seres não são a perfeita unidade, pois não são totalmente “um”, dessa maneira, por exemplo, “consideremos os corpos materiais; nenhum deles é realmente um [...], contudo, se não houvesse certa unidade em

²⁴ Para Agostinho alma e corpo estão em uma relação de unidade. Neste aspecto peculiar da filosofia agostiniana, “o homem é uma unidade substancial de corpo e alma. Não é infrequente afirmar-se que para Agostinho a essência do homem é uma alma que utiliza de um corpo; todavia, é fora de dúvida que ele doutrina, clara e reiteradamente, que o homem se compõe de alma e corpo, graças a uma estreita união destes dois componentes, que só o ser assim composto merece o nome de homem” (BOHENER & GILSON, 1970, 180). Para o filósofo, a alma é visto como um princípio vivificador, que eleva o homem em seu Criador, como também tem a função de dominar a matéria, ou seja, o corpo. Em Confissões Agostinho diz que: “A alma comanda o corpo, e este lhe obedece imediatamente; comanda-se a si mesma, este reside. A alma ordena à mão que se move, e a obediência é tão fácil que o mal se distingue a ordem da execução. No entanto, a alma é espírito, e a mão é matéria” (AGOSTINHO, 2015, p. 220).

cada corpo, em algum grau, tal corpo não poderia ser de modo nenhum” (GILSON, 2007, p. 401).

Os vestígios de unidade estão contidos nas criaturas e em seus corpos²⁵, criados pelo Ser Imutável, que podemos dizer que é uma pequena parte de sua semelhança. No pensar agostiniano, o termo “semelhança” estabelece uma relação parecida entre a Unidade e suas criaturas. Étienne Gilson enfatiza que esse termo semelhança “desempenha, na doutrina agostiniana, um papel intermediário entre a Unidade absoluta [...]. Ser semelhante à outra coisa é, em certa medida, ser essa coisa, mas também é não sê-la, dado que é apenas se semelhante a ela” (GILSON, 2007, p. 401).

O ser humano é composto por esse vestígio e também pelas belezas expressas no cosmo. Dessa forma, ele tem unidade, mas não é a Suma Unidade. Pois no pensamento de Agostinho existe apenas uma sublime Unidade, que engendra a unidade. Com isso, “um corpo só é o corpo que é em razão da homogeneidade de suas partes constitutivas” (GILSON, 2007, p. 402). Nesse sentido, a natureza apenas é natureza porque é composta pelos aspectos naturais, resultantes da Unidade. Dessa maneira, seu papel revelador dá-se no homem e na sua manifestação no cosmo, cuja contemplação poderá ocorrer somente através da harmonização.

Com a contemplação do belo em suas criaturas, é exigido do ser humano uma unicidade com seu Criador, gerando uma comum-unidade criadora. O cosmo é belo por estar ordenado e ritmado. Vale destacar que existe uma semelhança que origina da união entre Deus e suas criaturas. O papel da unidade está intimamente ligado ao itinerário do ser humano:

A amizade não tem outro fundamento a não ser a similitude dos costumes [...]. Portanto, qualquer que seja o objeto considerado, material ou espiritual, individual ou social, ele aparece como constituído por números, relações, proporções, igualdades, conveniências que, por sua vez, são apenas esforços da criatura para imitar a relação primitiva de semelhança através

²⁵ No filosofar de Agostinho, as criaturas racionais e não-rationais são participantes dessa unidade, esses vestígios que parte da Suprema Unidade. Neste aspecto devemos entender que a beleza para o filósofo é ontológica. Sobre este aspecto da beleza, Ricardo Evangelista Brandão em seu artigo, “O que é belo? Fundamento da concepção de belo sensível em Santo Agostinho”, salienta que, “a beleza é ontológica porque não há criatura que não seja uma em algum nível, pois cada parte de um corpo é uma, porém, quando as unimos, elas formam, nesse corpo, uma unidade ainda mais perfeita chamada de integridade. O cosmo é formado por uma imensa variedade de espécies de criaturas, e cada uma delas considerada em si mesma é unidade, e cumprindo o papel ontológico que lhes cabe formando unidade, que é cosmos” (2010, p. 34).

da qual se põe a igualdade perfeita de Deus consigo mesmo, sua unidade essencial e indivisível (GILSON, 2007, p. 402-403)

Através do trecho acima, percebe-se que o ser humano não tem como esquivar-se da ordem e tão pouco da unidade, que faz parte do cosmo ordenado. Para o filósofo, a unidade faz-se presente em todos os âmbitos que o homem está inserido, algo próprio do ser humano, que faz parte de sua semelhança, ou seja, ele participa da unidade oriunda do Ser. Dessa forma, quanto mais é belo for um corpo, ou mesmo um objeto sendo constituído por partes semelhantes em si, mais beleza a de ter, pois existem características próprias da beleza: unidade, simetria, harmonia e ordem.

Na obra *De Ordine*, o filósofo indica desde o início que o caminho para alcançar a Beleza e a Suma Unidade deve partir da interioridade. Agostinho esclarece:

[...] o espírito, a partir de sua interioridade, entende o que seja beleza do universo, que certamente assim se denomina a partir do termo *uno*. Por isso, não pode ver aquela beleza a alma que se envolve numa multiplicidade de coisas e as prosseguir com mísera avidez, que ela sabe que só se pode evitar pelo desapego da multiplicidade (AGOSTINHO, 2012, p.162).

Para Agostinho não devemos manter nosso olhar fixo somente nas coisas externas, ou seja, mutáveis, mas através da via da interioridade interligada com as disciplinas liberais e através do filosofar buscar o Imutável. Posto isso, o filósofo destaca que o homem deve voltar a si mesmo, pois aí sim encontrará suas indagações. O ser humano busca sentido para sua vida, que através das multiplicidades terrestre. No entanto, essa ação o faz esquecer-se de si mesmo. Dessa forma, ele não encontra a unicidade que o ajudará a contemplar a Beleza que tanto anseia.

Assim, a alma torna-se dispersa, como um barco à deriva, sem destino e sem ponto de parada, pois a dispersão do olhar atrapalha a contemplação da beleza no cosmo em si e nas obras de artes. Em *De Ordine*, Agostinho aponta o caminho certo para que o ser humano possa alcançar a contemplação do belo, o qual perpassa pela via da interioridade, desviando seu olhar para as coisas externas que

o leva às multiplicidades oferecidas no mundo, assim, seu olhar para o Uno²⁶. A persistência nesse equívoco dificulta o homem no alcance pela a Beleza. Portanto, “o olhar da razão parte dos sensíveis e chega aos inteligíveis, e desses ao Uno” (HINRICHSEN, 2009, p. 76).

Agostinho nos revela que o sentido da beleza está contido na harmonia, ou seja, na unidade. O ser humano está intimamente ligado a esse aspecto e não deve sair dessa participação com o Criador, pois caso saia corre o risco de perder a unicidade e a capacidade de vislumbrar as belezas no mundo em si mesmo. Contudo, aqueles que procuram incansavelmente o caminho do Uno, logo encontrarão a Beleza. Pois o “Uno perfeito é princípio de todas as coisas que possuem unidade” (AGOSTINHO, 2012, p. 89). Assim, vemos que a universalidade da unidade está fundamentada no Uno. Essa noção de universalidade está relacionada a concepção plotiniana²⁷.

Todo o campo cosmológico de Agostinho é redigido pela Unidade, que está totalmente integrado em sua obra a partir do nada e composto pelos vestígios de sua beleza. Está manifestado em um simples verso de um poema, que ao ser recitado, somente aqueles que estão em comunhão com a beleza, conseguem captar a perfeição métrica. Se existem o belo nos versos é porque existe algo que o faz prosseguir para tal execução, assim: “quando ressoa a última sílaba, sem que ressoe com ela as precedentes, ela se liga, entretanto, às sílabas já desaparecidas para contemplar a beleza e a harmonia métrica do conjunto” (AGOSTINHO, 2002, p. 65).

Na via da harmonia é preciso que o ser humano, a partir da razão, o olho da alma, possa saber distinguir que um verso é belo não somente por um, mas em sua

²⁶ Quando se fala sobre o termo “Uno”, no filosofar agostiniano devemos entender que é através dele, que emana a fonte originária da unidade. Para entendermos melhor cito Hinrichsen, que descreve que “[...] do Uno retorna às coisas belas e as sabe belas, porque nelas percebe a unidade que as constitui. Através do olhar da razão, identificando a unidade, descobrirá a beleza, lá onde existe unidade. Deus é belo, enquanto Uno e fonte da unidade de todas as coisas. Onde Há unidade, há proporção, equilíbrio, simetria, ritmo. [...] Assim, convertido ela visão do Uno, o olhar da razão poderá identificar a Beleza em todas suas manifestações e graduações, sensíveis e inteligíveis, presente na criação, nas artes, na alma e em Deus” (HINRICHSEN, 2009, p. 76).

²⁷ Ao afirmar que essa concepção tem sua origem em Plotino, devemos entender que existe uma diferença entre os dois filósofos, Agostinho e Plotino. Essa discrepância se está no fato de que no pensar de “Plotino, existe uma continuidade substancial entre o Uno e o cosmos, logo tudo possuirá unidade por um certo grau de parentesco com o Uno. Já Agostinho, não há essa continuidade entre o Criador e criatura, visto que o mundo foi criado *ex nihili*, não partilhando assim da natureza do Uno. Portanto, a unidade no cosmos no Hiponense se dá não por continuidade substancial com o Uno, mas por ter sido criado para com sua unidade imitar o Criador” (BRANDÃO, 2010, p. 36). Neste aspecto vemos os resquícios do neoplatonismo em seu filosofar, mas, sobre a ótica cristã.

totalidade, pois as partes integrantes são compostas de beleza única. Se tirarmos um verso não haverá harmonia e beleza e nem sentido, e não agradará nosso ouvido e o entendimento, porque não haverá conexão, ou seja, unidade. Essa presença unificadora deve gerar no ser humano um olhar para além do poema recitado, pois para Agostinho alguns homens gostam “mais do verso do que da arte com que ele foi construído, confiam mais nos ouvidos do que na inteligência” (AGOSTINHO, 2002, p. 66).

A razão, ao passar pela vivência do belo, educa seu olhar para contemplar as belezas expressa na interioridade e na exterioridade, que capacita o homem de admirá-las em seus vestígios e percebe não somente a unidade nos versos, mas amplamente. Portanto, a harmonia exige a unidade das partes. O cosmo tem os vestígios da Unidade, algo que se faz presente e vivo, nisto “todo observador perspicaz verá que não existe nenhuma forma, nem corpo algum desprovido de certo vestígio de Unidade” (AGOSTINHO, 2002, p. 85-86). Com isso, vemos que a Uno é a fonte que emana a beleza, denominada por Agostino como Deus, a Suma Unidade.

Em Agostinho, a raiz da unidade está presente na Unidade Perfeita que é a Trindade²⁸, e é na raiz da unidade que se encontra o belo. Assim, se há vestígios de “Deus na natureza, eles devem trazer em si o testemunho da Trindade tanto como o de sua unidade” (GILSON, 2007, p. 406). Para o pensador, o ser humano somente alcançará a vida feliz caso ele trace seu trajeto semelhantemente à união da Perfeita Unidade, ou seja, através de uma vida harmoniosa com seu Criador.

Com esse percurso a vivência do belo para Agostinho se encontra na unidade com o Uno, em que emana a beleza inteligível. O filósofo nos mostra o caminho que devemos percorrer para alcançar a Unidade, isto é, através da interioridade. É preciso estar em comunhão com a fonte oriunda da beleza, para alcançar uma vida pacífica e feliz. Nas próximas páginas será abordado sobre o

²⁸Ao falarmos de Trindade, Agostinho compreende que Deus é: Pai, Filho e Espírito Santo. Uma tríade que estão em unidade perfeita, no qual é um grande mistério. Grande mistério que, “cremos na existência de Deus, que a razão demonstra, tentamos conceber a Trindade, de que só a fé nos faz conhecer a existência” (GILSON, 2007, p. 77). Dessa forma, Agostinho concebe que Deus é Trindade e não caberia a razão entender completamente a Deus, pois ele está para além do que nossa *ratio* possa compreender. Em suma “o mistério, o Uno, a Trindade, é o ponto de convergência de toda criação e da razão humana que deseja compreendê-la e compreender a si própria. O caráter não-predicável do Bem de Platão, do Uno de Plotino, ou da Perfeita Unidade (A Trindade), de Agostinho revelam os limites da razão e da linguagem e nos enviam, podemos afirmar, para além das vivências radicadas na finitude dos entes” (HINRICHSEN, 2009, p. 169).

intuito dessa vivência do belo na vida do ser humano, que passa despercebida por aqueles homens menos instruídos, que só veem a beleza com os olhos corporais.

3.1.2 Do belo à *Beata Vita*

Agostinho como todo ser humano, busca e almeja uma vida em paz e feliz, que se dá virtuosa e harmonicamente, que suspira dia e noite para se assemelhar ao Criador. O filósofo crê que o homem é feiro à imagem e semelhança de seu Criador: *faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram*²⁹. Na concepção cristã, notamos que é algo próprio do homem não somente o fato indagar, mas também de procurar a vida feliz, sobre a qual iremos discorrer através da via do belo.

Quando o retórico de Cartago crê que o homem é feito como *imago et similitudo Dei*, percebe-se que a beleza no homem está ligada ao divino. Dessa forma, quando o homem procura a beleza sensível e inteligível, já sabe que existe uma perfeita beleza, pois “não a desejaríamos, se já não a conhecêssemos” (AGOSTINHO, 2015, p. 289). Essa beleza está impressa no homem desde sua criação, algo que o próprio Criador introduziu em sua criatura ao concebê-la, como uma espécie de assinatura, que identifica o seu autor.

No *De Beata Vita*, o pensador indaga o seguinte: Por qual meio podemos alcançar uma vida feliz? Será que a vida feliz está presente no mundo? Na tentativa de responder a essas demandas, Agostinho retrata que para ter uma vida de felicidade, é preciso buscar a verdade, localizada na Sabedoria, uma relação de justa medida. O autor salienta:

[...] a Sabedoria é a medida da alma, pois ela é, evidentemente, o contrário da estultícia. Ora, a estultícia é indigência, e esta tem como contrário a plenitude. Logo, a sabedoria é plenitude, e a plenitude implica a medida. Portanto, a medida da alma encontra-se na sabedoria. [...] Agora, se me perguntardes o que vem a ser a sabedoria – conceito a cuja análise e aprofundamento a nossa razão tem-se consagrado até o presente quanto pode – dir-vos-ei que a sabedoria é simplesmente a moderação do espírito (*modus animi*). Isto é, aquilo pelo que a alma se conserva em equilíbrio (AGOSTINHO, 1998, p.154).

²⁹ “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26).

Através do *modus animi* veremos que a Sabedoria é responsável por uma vida feliz, pois é por intermédio da verdade interior, depositada pelo Criador, que o desejo de possuí-la se encontrará na almejada *beata vita*. É no interior que reside essa verdade. Quando a alma encontra a Sabedoria, imediatamente desvia seu olhar para as coisas supérfluas da exterioridade, ou seja, da falsa aparência de felicidade, que serve para distrair e enganar o ser humano, e fixa seu olhar no verdadeiro saber. A função da medida da alma é levar o homem para dentro de si, onde ele repousará na Verdade.

Entre a verdade e a sabedoria existe uma relação considerável. As duas são vocábulos atribuídos ao Criador, pois “quando a alma encontra a Sabedoria, não fixa mais seu olhar nas aparências, no engano e, repousando em si mesma, volta-se inteiramente à Verdade. Assim, se a Sabedoria nada mais é que a verdade” (HINRICHSEN, 2009, p. 81), Agostinho entende que somente com o retorno ao seu íntimo o ser humano descobrirá a relação entre a Verdade e a Sabedoria, uma relação de unidade. Para o retórico de Cartago a Verdade coincide com Deus (cf. AGOSTINHO, 1998, p.155). Em consequência disso, o homem atinge a justa medida da alma. O anseio pela felicidade caminha até a Sabedoria.

O homem, com o auxílio da via da interioridade, juntamente com o *modus animi*, descobrirá que a verdadeira sabedoria nos livra das prisões exteriores, ou seja, materiais, pois ela é como guia para afastarmos das vaidades e paixões ilusórias presentes no mundo. Após percorrer esse caminho de renúncia às paixões desordenadas, entenderemos que o estado da *beata vita* “resulta da indigência pela conquista da Sabedoria – essa medida da alma – em atenção à Suprema medida, regra da Verdade e identificada com Deus” (HINRICHSEN, 2009, p. 81). Portanto, a fruição da Verdade faz-se em união com o exercício filosófico, que nos encaminha para a justa medida e para Deus.

Em *De vera religione*, Agostinho nos mostra que é através da busca pela Beleza que a vida feliz é almejada. O pensador apresenta que “mesmo nesta nossa carne fraca visível [...], encontra-se o apelo para a felicidade. Apelo causado pela beleza que reina em tudo o que existe desde o mais alto até o mais baixo” (AGOSTINHO, 2002, p. 111). Mesmo a vida terrena não sendo o ápice da felicidade, essa procura inicia-se já na terra, pois a vivência do belo já é antegozo de uma vida futura. Com essa concepção Agostinho entende que só em união com seu Criador, “a vida será verdadeiramente vida, toda plena de ti” (AGOSTINHO, 2015, p. 295).

O homem interior, quando é iluminado pela Luz Imutável que vem Deus, atinge o inteligível. O filósofo sente-se iluminado interiormente por Deus, pois para ele nossa procura pela Beleza deve ser sempre de dentro para fora. Assim, a via do belo, que contempla as belezas presentes no cosmo, é pautada pela via da interioridade. A busca de Agostinho pela Beleza Suprema está dentro de si. Basta olhar para seu interior, que em unidade com seu Criador, verá de onde vêm os vestígios do Belo. Pois é dentro de si que o ser humano encontra a verdade e nunca deve se afastar, mas sempre fazer esse retorno.

Realizando esse percurso, o homem logo verá que a beleza reside em si, e somente por essa via poderá perceber em sua volta a unidade da beleza. No livro X de *Confessiones*, encontraremos o cerne da conversão agostiniana, que reconhece dentro de si uma fresta da Beleza, que consiste em ver o novo já no presente, ou seja, no que existe, passando do exterior para o interior e desse ao superior. De forma poética, o pensador descreve:

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem (AGOSTINHO, 2015, p. 295).

O texto acima nos mostra a busca para alcançar a Suma Beleza, isto é, uma vida em *pax*. Segundo Agostinho, esse alcance somente será possível se existir uma unidade com seu Criador. Através da interioridade chega-se à contemplação de Deus, pois é no interior da alma que Ele se revela perfeitamente. Assim, para o pensador, a via da interioridade é privilegiada, pois retorna a Deus. Portanto, existem para Agostinho dois caminhos para conhecer a Beleza: a exterioridade e a interioridade, mas é somente pelo interior que podemos realmente contemplar sua obra.

A beleza exterior deve nos elevar à contemplação da Suma Beleza, não como um obstáculo, mas um auxílio para conhecer Deus, autor da própria beleza. Como descrito no fragmento citado acima, Agostinho busca a vida feliz, a beleza, em tudo, menos em si mesmo. Sendo assim, o filósofo já conhecia a Deus, a perfeita Beleza, precisava, no entanto, reencontrá-lo. Nesse caminho a iniciativa sempre foi de Deus: “Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez” (AGOSTINHO,

2015, p. 295). Depois desse rompimento, ele conseguiu contemplar a Beleza e reconhecer o Criador mediante a fé e a razão.

Com sua mudança de olhar, que é de suma importância, pôde perceber o papel da memória, que o ajudou no processo de contemplação e reencontro. Agostinho se deixou ser seduzido pela beleza divina, “beleza tão antiga e tão nova”. É a partir de tal busca, ao mesmo tempo angustiante e frutuosa, que podemos ler o empreendimento da vida humana:

[...] no tempestuoso mar de sua existência e no caminho da *beata vita*, tendo abraçado a Sabedoria como virtude e medida da alma e vivendo segundo a *ordinata dilectio*, igualmente, se torna belo, adquirindo a capacidade de contemplar a beleza em todas as suas graduações: no mundo, nas outras pessoas, em si mesmo e, sobretudo, em Deus (HINRICHSEN, 2009, p. 84).

A beleza nos traz mudança de vida. O modo de perceber o que está a nossa volta modifica, pois não olhamos com o olhar humano, mas com o olhar da fé. Com o olhar estético, não devemos criar uma barreira entre o que é belo ou tem ausência de beleza. Não devemos ser um fim em nós mesmos, mas nos elevar a compreender que a beleza no mundo não está por acaso. Devemos nos tornar um meio pedagógico para a mudança de vida; mudança em que a contemplação da beleza, motor para uma vida feliz, não seja vista somente com os olhos, porque não é corporal (cf. AGOSTINHO, 2015, p. 289).

Sobre isso também falou São João Paulo II, num texto já evocado por este estudo: “a beleza é a chave do mistério e apelo ao transcendente. É convite para saborear a vida e sonhar o futuro” (JOÃO PAULO II, 1995, p. 29). O papel da beleza vai além da visão estética, livre nas formas para suscitar no ser humano um olhar transcende, que o levará a Deus. Nesse caso, Agostinho soube entender qual é a Beleza, a que os homens contemporâneos precisam um olhar mais aguçado, a fim de perceber a preciosidade nela inerente, como meio de formar o ser humano em seu intelecto e em suas ações cotidianas. Assim, nasce um homem voltado para o sentido originário da beleza.

De todo esse extenso itinerário que percorremos neste trabalho monográfico, deve ficar para nós a grande contribuição e auxílio que a beleza tem em nossa vida. Afinal, nela reside a bondade e a verdade. Somente aquele que busca assemelhar-se com a Suma Beleza, encontrará sentido na vida: não buscar o belo pelo belo, mas fazer de sua vida um reflexo da fonte originária da beleza, que é

todo Bem, Bondade e Verdade. Nesse sentido, ultrapassamos o limite simplesmente estético da discussão, tocando o fulcro metafísico subjacente ao problema do Belo em Agostinho, o qual não pode ser satisfeito senão em íntima ligação com a questão do ser da criatura em relação ao ser do Criador. Este é o itinerário que, com este capítulo, demos por satisfeito.

Em suma, entende-se que para Agostinho o papel da beleza se baseia num Deus-Criador, que ordenou e concatenou o cosmo, e este expressa sua bondade, ou seja, a beleza. Beleza é mais que estética – no sentido de aquilo que podemos achar feio ou belo. Possui uma dimensão ética e ontológica, expressão de ser e mudança de vida, que se manifesta num simples gesto de reorientação da visão exterior. Vendo tudo o que está ao nosso redor entendemos que participamos dessa Suma Beleza, amando aquilo que o próprio Criador ama, cuidando de seus próprios vestígios. Com os contributos da beleza, uma nova vida é gerada, tendo em vista que aquela é oriunda da perfeita Beleza, e só poderemos encontrá-la nas coisas se conhecermos sua fonte.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Ao analisarmos nosso percurso sobre os contributos da beleza para a formação do homem, vemos que este trabalho é, sobretudo, uma indagação e um convite para “educarmos o olhar” na leitura do mundo e não sermos apressados em distinguir o que é “belo” do que é “feio”. Essa atitude nos auxilia, através da estética agostiniana, a contemplar para além dos sentidos exteriores, gerando mudança de comportamento, como um processo metodológico para se chegar à fonte de tudo o que há: a Sublime Beleza. Esse foi o intuito que guiou nossa investigação até aqui e que agora se abre rumo à nossa vida como um todo.

Ao penetrarmos a dimensão da beleza é como se pudéssemos adentrar um vasto e belo jardim, em que nosso olhar, aprimorado pelo caminho, deve reconhecer cada uma das singelas belezas que se acenam, seja nas pétalas das rosas, que estão dispostas e ordenadas, ou na leveza que uma simples e pequena gota de orvalho tem ao cair no chão. Tudo o que se dispõe integra a “perfeita harmonia do Criador”. Assim, o ser humano só poderá regozijar-se e perceber tais vestígios de beleza se, primeiramente, for capaz de educar-se a partir da interioridade, por uma vida ordenada, pelas artes liberais e pela filosofia, já que ambas clareiam a visão turva dos moveres externos, acessando o que há de além *no* homem.

Tudo isso podemos apresentar como o louvor da criação, beleza expressa ao nosso redor, à Beleza Criadora; a maneira dos seres corresponderem Àquele de quem provêm todo o Bem e toda a Bondade. Uma vida harmoniosa, ou seja, virtuosa, é um “hino de louvor” ao Criador, e os contributos da beleza são um auxílio indispensável nesse trajeto, pois se entende que seu ato de vida deve-se assemelhar-se a um poema: cada nova escolha, cada novo movimento, como os versos bem dispostos, com harmonia conduzindo-nos à beleza.

Amando, cuidando e respeitando a beleza expressa no cosmo o ser humano cuida daqueles que também são os vestígios do Sumo Belo. Dessa maneira, o homem reconhece o belo contido no universo, como um ato de amor a partir do qual o Ser Imutável forjou e viu que tudo era bom. Se “tudo era bom” é porque existia beleza: eis o objeto de nossa reflexão nas páginas precedentes. Num caminho didático, reconhecemos a beleza distribuída nas criaturas, identificada a partir das artes liberais, mas também na cotidianidade de um balancear de folhas ao vento, no

fluir do rio por entre as pedras, na vida que vive e louva ao Criador. O movimento de fora para dentro, portanto, permite um novo reconhecimento do que é exterior, como forma de apontar a transcendência de Deus no mundo e em nós. Falar da beleza a partir de Agostinho é, enfim, um canto de amor ao Sumo Belo.

De maneira geral, o homem só poderá contemplar tamanha e, ao mesmo tempo, singela beleza quando voltar-se para sua *origem*, como um caminho do qual não pode fugir. Reencontrando-se, reencontrará a razão de seu ser e, por meio dela, o acesso autêntico ao mundo exterior. Nesse itinerário, pode valer-se da educação da vida interior, no cultivo da vontade e da razão por meio da beleza. Assim, a via da beleza pode ser considerada como um contributo seguro e frutuoso para a formação de um homem livre e que não está sujeito às preocupações mundanas ou de interesses meramente materiais. Uma autêntica reflexão sobre a beleza é capaz de atingir o núcleo interior do homem, ulteriormente exteriorizado sob a forma do bem comum. A vista disso, entre os principais contributos deste trabalho no tratamento da temática da qual se ocupou é possível realçar os seguintes pontos:

I) A beleza nos possibilita um primeiro momento de apropriação e análise das coisas que compõem o cosmo, como uma espécie de estágio preliminar ao conhecimento. Aurélio Agostinho nos mostra que esse percurso, através do qual percebemos o que é belo, está ligado à interioridade, onde reside a beleza impressa pelo Criador em cada homem. Nesse sentido, movidos pelo desejo do filho de Mônica, empreendemos um caminho que, com ele, levou-nos desde o belo espalhado no mundo até a fonte de toda interioridade, fazendo-nos retornar ao mundo com os olhos renovados. O belo não é apenas causa de um prazer sensorial e visual, mas meta a ser buscada na vida, como uma vida bela.

II) No pensamento agostiniano, além disso, um passo que deve se ter como essencial para alcançar a manifestação do belo é a “humildade cristã”, isto é, o reconhecimento de tomarmos parte, por iniciativa do Criador, numa totalidade que nos ultrapassa, com relação à qual estabelecemos relação de ser. Este aspecto leva-nos muito além do que as correntes estéticas contemporâneas tomam em conta na consideração do belo e da beleza. O reconhecimento da beleza deve suscitar no ser humano a autorreflexão e o autoconhecimento, pois somente com a luz que vem do divino pode-se obter a humildade e, desse modo, chegar à fonte da qual emana toda beleza. Nesse percurso de humildade, enfim, o homem pode ter sua percepção

aguçada com o auxílio das artes liberais, as quais moldam os sentidos externos e internos, habilitando-os para um reconhecimento qualificado da beleza.

III) Em terceiro lugar, é preciso dizer que a beleza aqui almejada não pode ser “comprada”, pois não está em uma prateleira ou em uma “indústria estética”. As atuais concepções de beleza representam, na verdade, uma degeneração do sentido profundo e autêntico aludido por Agostinho, movendo-se, muitas vezes, como um padrão de morte. Ao pôr-se em constante mutação em busca da beleza, o homem contemporâneo descobre-se no mais profundo desequilíbrio. Perde-se nas coisas do mundo. Tal atitude dificulta o seu reconhecimento da verdadeira fonte de toda a beleza, numa abertura ao mundo e aos outros que só gera harmonia e paz, pois decorre da fonte de toda Beleza. Harmonia, medida e ordem são, noutras palavras, formas de dizer a beleza da criação que, em última instância, provém de um pertencimento ontológico, isto é, da possibilidade de compartilhar uma centelha do ser de Deus. Ao contrário de fechar-se na arrogância do que se torna juiz de tudo o que o cerca, Agostinho nos ensina a gratuidade como modo de ser da criatura.

Na contemporaneidade vemos como está presente nas mídias o apelo por uma aparência bela. Sobre esse fundamento, meramente artificial, desdobra-se uma verdadeira indústria da beleza, que tem o ser humano como *meio* e não como finalidade. A lista de produtos estéticos, de procedimentos cirúrgicos e demais mecanismos não tem limites. Em todo caso, busca-se a beleza como algo que se pode tanger, limitando-se simplesmente aos sentidos. Tal concepção não passa de ilusão e sofrimento, o sofrimento de quem se esqueceu de si, perdendo-se na pura exterioridade vazia. O desvio na concepção de beleza presente entre nós é, então, sintomático a respeito do vazio interior.

Resultados dessa concepção esvaziada de beleza não nos faltam. Estão presentes em nossas construções, pinturas, canções, entre outros. A beleza no mundo contemporâneo está sendo alvo da instantaneidade e superficialidade. Tudo tem sido produzido com maior velocidade para alcançar uma “bela aparência” aqui e agora; como se tudo estivesse disponível a um clique. O olhar não se dirige mais ao processo, mas ao fator econômico. Para nós, esse caminho expressa um equívoco ainda mais profundo, o qual, quem sabe, possa ser expresso na seguinte sentença: “o homem deseja ser o fundamento da própria beleza”. Trata-se de um percurso sem termo, um movimento que não poderá encontrar descanso, uma fome que não poderá saciar-se.

Conforme aprendemos de Agostinho, o ser humano não deve estagnar em si mesmo, não pode se considerar a *origem* e o fundamento da beleza. Caso admita a percepção como fonte de legitimação do que é belo, verá que a beleza o ultrapassa. De fato, para contemplar o que há de belo nas obras e em suas diversas manifestações, o homem é um instrumento que tem como intuito elevar os demais a transcenderem a pura exterioridade. Talvez aqui se encontre o que também podemos chamar de *espiritualidade*, como o esforço pelo aperfeiçoamento além de si. Estando fora do alcance do homem, o belo não pode ser por ele manipulado, não reside neste ou naquele gosto, não está submetido aos desejos humanos.

Para concluir, o intuito de perscrutar o aspecto da beleza neste trabalho não se faz somente a partir de formas, no cosmos e nas belas artes, mas constitui-se um apelo a transcender: chegar a contemplar o belo que reside dentro do ser humano. A beleza deve ser uma ponte que interliga o ser humano ao Belo divino, a partir de seus vestígios, mas, também, indo além deles (na ambição de um encontro definitivo). Quando o ser humano opta por contemplar a beleza que vai além de si, mas que também o considera, torna-se uma alma virtuosa, captada pelo homem interior. Dessa forma, quando se volta para si, vê além das aparências, do “ter” ou “possuir”, pois a beleza não se limita num dado material. Ao reencontrar esta fonte, uma *pax* é gerada, em que é o antegozo da vida tão sonhada e almejada é tomado como possível: a *beata vita*.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi, com a colaboração de Maurica Cunio. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

AGOSTINHO, Aurélio. **A doutrina cristã**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística, 17)

_____. **A verdadeira religião; O cuidado aos mortos**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística, 19)

_____. **O livre-arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística, 8)

_____. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. 26ª ed. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. **Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre**. Tradução de Agostinho Belmonte. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2012. (Patrística, 24)

_____. **Soliloquios e A vida feliz**. Tradução de Adaury Fiorotti. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística, 11)

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Rusconi Libri. Edição de Texto na versão brasileira: Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da Filosofia Cristã**. Tradução de Raimundo Vier, OFM. 13ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

BRANDÃO, Ricardo Evangelista. Deus e o Belo: o papel da contemplação da beleza sensível na filosofia da natureza em Santo Agostinho. **Paralellus**, v. 7, n. 15, maio-ago., Recife, 2016. p. 309-321.

_____. O que é o belo? Fundamentos da concepção de belo sensível em Santo Agostinho. **Agora Filosofia**, v. 1, n. 2, jul.-dez., Recife, 2010. p. 27-40.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2ª ed. São Paulo: Discurso, Paulus, 2006.

HINRICHSEN, Luís Evandro. **A estética de Santo Agostinho: o belo e a formação do humano**. Porto Alegre, RS: ESTEF, 2009.

_____. A experiência estética segundo Santo Agostinho: Beleza, unidade, conversão e transcendência. **Civitas Augustiniana**, v. 3, Porto Alegre, 2014. p. 33-66.

_____. **Agostinho de Hipona: ensaios sobre Deus, liberdade e comunidade**. Porto Alegre, RS: Letra e Vida, 2014.

JOÃO PAULO II. **Carta do Papa João Paulo II aos artistas**. São Paulo: Paulinas, 1999.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. Tradução de Álvaro Cabral Martins e Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAGALHÃES, Manuel Maria. Na busca do sentido: sobre o tempo, memória e perdão nas Confissões de Agostinho. **Civitas Augustiniana**, v. 2, Porto Alegre, 2012. p. 74-114.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**: os filósofos do ocidente. Tradução de Benôni Lemos; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros. 4ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. As artes liberais da Idade Média. **Revista de História**, v. 1, n. 101, jan.-mar., São Paulo, 1995. p. 3-23.

ROSSET, Luciano; FRANGIOTTI, Roque. **Metafísica**: antiga e medieval. São Paulo: Paulus, 2012.